

UNIVERSIDADE VILA VELHA - ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA

FRAGMENTO NEGLIGENCIADO DA PAISAGEM URBANA
REVISITADO EM UMA ABORDAGEM REVERSA ÀS JANELAS
QUEBRADAS.

CLÓVIS AQUINO DE FREITAS CUNHA

VILA VELHA
ABRIL / 2016

UNIVERSIDADE VILA VELHA - ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA

**FRAGMENTO NEGLIGENCIADO DA PAISAGEM URBANA
REVISITADO EM UMA ABORDAGEM REVERSA ÀS JANELAS
QUEBRADAS.**

Dissertação apresentada à
Universidade Vila Velha, como pré-
requisito do Programa de Pós-
Graduação em Segurança Pública,
para obtenção do grau de Mestre em
Segurança Pública.

CLÓVIS AQUINO DE FREITAS CUNHA

VILA VELHA
ABRIL / 2016

Catálogo na publicação elaborada pela Biblioteca Central / UVV-ES

C972f Cunha, Clóvis Aquino de Freitas.

Fragmento negligenciado da paisagem urbana revisitado em uma abordagem reversa às janelas quebradas. / Clóvis Aquino de Freitas Cunha. – 2016.

71 f.: il.

Orientadora: Ana Paula Rabello Lyra.
Co-orientador: Pablo Silva Lira.

Dissertação (mestrado em Segurança Pública) - Universidade Vila Velha, 2016.

Inclui bibliografias.

1. Segurança Pública. 2. Urbanização. 3. Paisagem urbana. I. Lyra, Ana Paula Rabello. II. Lira, Pablo Silva. III. Universidade Vila Velha. IV. Título.

CDD 363.3


CLOVIS AQUINO DE FREITAS CUNHA

**FRAGMENTO NEGLIGENCIADO DA PAISAGEM URBANA
REVISITADO EM UMA ABORDAGEM REVERSA ÀS JANELAS
QUEBRADAS**


Dissertação apresentada à
Universidade Vila Velha, como pré-
requisito do Programa de Pós-
Graduação em Segurança Pública,
para obtenção do grau de Mestre
em Segurança Pública.

Aprovada em 27 de abril de 2016.

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Carla Valéria Siqueira Pinto da Silva (FCSES)



Profa. Dra. Maria da Penha Smarzo Siqueira (UVV)



Profa. Dra. Ana Paula Rabello Lyra (UVV)
Orientadora

O artigo produzido tem coautoria de:

Clovis Aquino de Freitas Cunha*

Ana Paula Rabello Lyra **

Elaine Cristine Santos Santana ***

* Arquiteto Urbanista (UFES, 1988), mestrando do Programa de Pós Graduação em Segurança Pública da Universidade Vila Velha, E.S.. clovis.aquino@uvv.br.

** Arquiteta Urbanista (UFES, 1995), Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública e de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Vila Velha, Doutora em Cidade, Segurança e Saúde pela Universidade Católica de Milão, IT. ana.lyra@uvv.br.

*** Discente do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Vila Velha, bolsista de Iniciação Científica vinculada ao Projeto de Pesquisa “Estratégias socioambientais para inibição de ações antissociais”, coordenado pela Professora Dra. Ana Paula Rabello Lyra. elainecristine.santana@gmail.com

NOTA: Artigo submetido à revista Paisagem & Ambiente (Qualis B2)

ISSN 0104-6098 (IMPRESSO)

ISSN 2359-5361 (ELETRÔNICA)

RESUMO

CUNHA, Clóvis Aquino de Freitas, Me., Universidade Vila Velha-ES, abril 2016. **Fragmento negligenciado da paisagem urbana revisitado em uma abordagem reversa às janelas quebradas.** Orientadora: Ana Paula Rabello Lyra. Co-orientador: Pablo Silva Lira.

Se a inserção de um equipamento abandonado e quebrado pode promover a desordem e o descaso segundo a teoria das Janelas Quebradas, será que o seu inverso, ou seja, a inserção de elementos que qualificam o lugar pode promover a humanização e ocupação saudável de um espaço público abandonado e negligenciado? Este artigo é parte de um estudo que visa analisar a reação das pessoas ao se depararem com um ambiente fragmentado do tecido urbano a partir de uma série de intervenções que utilizam a metodologia participativa na promoção de oficinas de arte e grafite, associadas a algumas atividades recreativas desenvolvidas em parceria com associações locais, em uma área situada embaixo da Terceira Ponte, na Praia da Costa, Vila Velha, E.S. Os resultados apresentados destacam através da análise da infraestrutura, usos e qualidades promovidas pelas oficinas, as transformações da paisagem local diante de uma nova postura de valorização da área.

Palavras chaves: Fragmento urbano, metodologia participativa, segurança urbana, vulnerabilidade sócio espacial, paisagem urbana,

ABSTRACT

CUNHA, Clóvis Aquino de Freitas, MSc., Universidade Vila Velha-ES, April 2016. **Neglected fragment of the urban landscape revisited in a reverse approach to the Broken Windows.** Supervisor: Ana Paula Rabello Lyra. Co-supervisor: Pablo Silva Lira.

If by inserting abandoned and broken equipment can stimulate disorder and disrespect according to the Broken Windows Theory, can its reverse be applied by inserting elements that qualifies a space and stimulate the humanization and healthy occupation of a given abandoned and neglected urban open space? This article is part of a study that aims to analyze people's reaction while facing a fragmented urban environment while it goes through a series of interventions that uses the participatory methodology in promoting some art and graffiti workshops associated within recreational activities organized in accordance with the local community and actors at an area located under the Third Bridge, at Praia da Costa, Vila Velha, E.S. The results presented emphasizes throughout the infrastructure, uses and quality analyses promoted by the workshops, a unique transformation of the local landscape in respect to its new values.

Keywords: Urban fragment, participatory methodology, urban safety, socio spatial vulnerability, urban landscape

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: mapa esquemático de localização da área de estudo embaixo da Terceira Ponte em Vila Velha.	11
Figura 2: delimitação do entorno e da área de estudo – mapa esquemático.	22
Figura 3: Uso e Ocupação do Solo – mapa esquemático.	23
Figura 4: muros altos com cerca eletrificada e cacos de vidro, são manifestações da arquitetura do medo.	23
Figura 5: arame farpado e cerca elétrica são presentes nas residências e comércio no entorno.	23
Figura 6: mobiliário urbano com pouca manutenção	25
Figura 7: lixo colocado em local indevido na calçada	25
Figura 8: chaveiro e banca embaixo da Terceira Ponte.	25
Figura 9: feria de produtos biológicos	26
Figura 10: vendedor de pastel e caldo-de-cana	26
Figura 11: exemplo arte urbana embaixo do viaduto do Museu Aberto de Arte Urbana de São Paulo.	26
Figura 12: Academia do Garrido - embaixo do Viaduto Alcântara Machado, São Paulo.	27
Figura 13: Área sob Viaduto do Capanema - Curitiba/PR	27
Figura 14: Espaço público embaixo de viaduto usado para o convívio social, Ho Chi Minh, Vietnã.	27
Figura 15: Instalação em LED de Bill FitzGibbons que revitalizou passarela abandonada no Alabama, EUA.	27
Figura 16: diagrama esquemático potencialidades / vulnerabilidades da área de estudo.	28
Figura 17: mapa esquemático de localização da área escolhida para as intervenções urbanas embaixo da Terceira Ponte em Vila Velha.	29
Figura 18: mapa esquemático de localização e setorização das intervenção urbana embaixo da Terceira Ponte em Vila Velha.	31
Figura 19: fórmula para cálculo de população finita.	32
Figura 20: mapa esquemático de localização da primeira intervenção urbana embaixo da Terceira Ponte em Vila Velha.	33
Figura 21: moradores participando da oficina.	34
Figura 22: morador participando da oficina.	34
Figura 23: mural com as expressões dos participantes da oficina.	34
Figura 24: vista do resultado da intervenção urbana – mosaico.	34

Figura 25: holofotes embaixo da Terceira Ponte em Vila Velha.	35
Figura 26: mesas e bancos de cimento degradados embaixo da Terceira Ponte.	36
Figura 27: área debaixo da Terceira Ponte após a retirada das mesas e bancos de cimento.	36
Figura 28: aquarela realizada pelo autor no final da intervenção urbana.	36
Figura 29: proposta de um morador para área debaixo da Terceira Ponte realizada durante a primeira intervenção urbana - autor anônimo.	37
Figura 30: cartaz de divulgação da 2ª. Intervenção Urbana.	38
Figura 31: mapa esquemático de localização da segunda intervenção urbana embaixo da Terceira Ponte em Vila Velha.	39
Figura 32: moradores participando do café-da-manhã de confraternização.	40
Figura 33: aula de Yoga.	40
Figura 34: aula de circo debaixo da 3ª.Ponte.	40
Figura 35: Blitz da Saúde e presença da guarda municipal.	40
Figura 36: pintura de pilar pelos moradores.	41
Figura 37: pintura do pilar da 3ª.Ponte.	41
Figura 38: cartaz de divulgação da 3ª. Intervenção Urbana.	42
Figura 39: mapa esquemático de localização da terceira intervenção urbana embaixo da Terceira Ponte em Vila Velha.	43
Figura 40: oficina de criação de cartões de natal.	43
Figura 41: exemplo de cartão de natal realizado durante a oficina de cartão de natal.	43
Figura 42: limpeza pública durante a terceira intervenção urbana.	44
Figura 43: presença da guarda municipal durante o evento de intervenção urbana.	44
Figura 44: arte urbana: grafite em homenagem ao Convento da Penha, artista Claudio Tripa.	45
Figura 45: cartões de natal realizados durante a terceira intervenção urbana debaixo da Terceira Ponte, Vila Velha.	45
Figura 46: morador de rua pintando o pilar e interagindo com a intervenção urbana.	46
Figura 47: morador participando e interagindo com o espaço e os participantes da terceira intervenção urbana.	46
Figura 48: cartaz de divulgação da 4ª. Intervenção Urbana.	47
Figura 49: mapa esquemático de localização da primeira intervenção urbana embaixo da Terceira Ponte em Vila Velha.	47
Figura 50: café-da-manhã da 4ª. Intervenção urbana com participação de cidadãos em condição de fragilidade social.	48

Figura 51: café-da-manhã da 4ª. Intervenção urbana com participação dos agentes sociais da Secretaria de Assistência Social da PMVV.	48
Figura 52: limpeza pública e plantio de vegetação nos canteiros para a quarta intervenção urbana.	49
Figura 53: pintura das rampas e corrimões no local da intervenção urbana pela PMVV.....	49
Figura 54: o espaço público transformado em praça de esportes durante a quarta intervenção urbana.	49
Figura 55: aula de Karate embaixo da Terceira Ponte e parte do público que prestigiou o evento.....	49
Figura 56: artista realizando o grafite urbano em um dos pilares da Terceira Ponte	50
Figura 57: moradores pintando os pilares durante a quarta intervenção urbana.	50
Figura 59: trechos com melhorias depois do tratamento paisagístico.	58

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: anseios expressos pela comunidade para o trecho de estudos.....	38
Quadro 2: resumo dos resultados das oficinas de pintura dos pilares durante as intervenções urbanas embaixo da Terceira Ponte.	50
Quadro 3: resumo dos resultados das intervenções urbanas embaixo da Terceira Ponte. ...	54
Quadro 4: exemplos de apropriação do espaço de estudo pela comunidade	59

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. FRAGMENTOS URBANOS E A TEORIA DAS JANELAS QUEBRADAS.....	14
3. CONHECENDO O LOCAL DE ESTUDO.....	21
4. OFICINAS DE HUMANIZAÇÃO COMO MÉTODO DE INTERVENÇÃO.....	28
4.1. Análise dos resultados das quatro intervenções urbanas que ocorreram na área de estudo	32
5. CONCLUSÃO.....	54
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
7. ANEXOS.....	64
7.1. Anexo 1 – Modelo do questionário aplicado.....	64
7.2. Anexo 2 – Gráficos dos resultados dos questionários respondidos	66

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento e a ocupação do solo urbano das principais capitais metropolitanas brasileiras tem apresentado uma paisagem fragmentada por uma série de resíduos urbanos que resultam dos recortes logísticos de uma malha que cria rupturas no tecido urbano causando problemas que comprometem a própria mobilidade e a continuidade humanizada dos caminhos da cidade. Realidade cada vez mais presente nos entornos dos viadutos e pontes que cortam as cidades em benefício da mobilidade urbana.

Tais cidades têm sofrido com o rápido crescimento que demonstra promover expansões sem um adequado planejamento e desenho urbano, condição essa que resulta em um traçado urbano precário, mesmo quando localizado em áreas de ocupação formal, pois ao priorizar o espaço privado, favorece o degrado e a evasão do espaço público com o gradual abandono por parte da população local. População esta que é substituída na maioria das vezes por grupos sociais excluídos, considerados marginais, como os moradores em situação de rua e os usuários de entorpecentes. Neste contexto, o ambiente torna-se vulnerável a ocorrência de ações antissociais, que incrementam a condição de degrado e violência urbana fragilizando por consequência a apropriação saudável do espaço público pela comunidade local.

Situação esta constatada em espaços comumente recortados da cidade formal, planejada, que causam uma ruptura na continuidade do tecido urbano, em nome da expansão de novas conexões estruturantes das áreas conurbadas. Ações que se reproduzem através das inserções de pontes, viadutos, passarelas, e novas artérias urbanas como ocorre na área residual localizada embaixo da terceira ponte, na região da Praia da Costa, do município de Vila Velha, no Espírito Santo.

O resultado desta ruptura tem sido atrelado a um processo de produção e consumo do espaço urbano promovido pelo capital imobiliário e que intensificou a fragmentação do espaço urbano, consolidando a sua hierarquização e o processo de segregação socioespacial nas cidades (BOTELHO, 2007). Este modelo de urbanização adotado nas cidades nas últimas décadas resultou na fragmentação do espaço e na exclusão social e territorial do solo urbano. Esta realidade fez surgir por consequência, inúmeros vazios e resíduos espaciais comumente encontrados segregados do contexto urbano em que se inserem como ocorre no entorno de

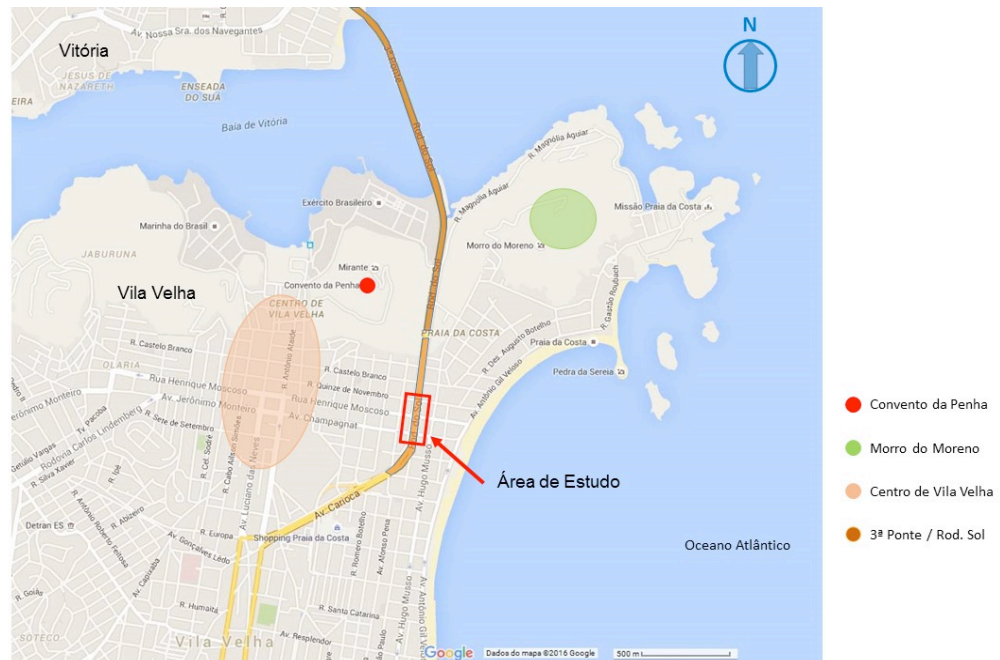
áreas residuais de pontes, passarelas e vias públicas, em ruas sem saída, becos, ruelas e passagens, e no entorno dos canais e córregos negligenciados e poluídos de nossas cidades. São áreas vulneráveis e esquecidas no tecido urbano que não recebem tratamento, manutenção ou humanização, isolando-as e dificultando a apropriação e ocupação qualificada de seu território.

A este respeito, Jane Jacobs (2011) já destacava desde 1961, na sua obra *Morte e Vida de Grandes Cidades Americanas*, que se o uso dos espaços públicos pelos cidadãos for adequado, com ruas livres da violência e do medo, a cidade também poderá estar razoavelmente livre da violência e do medo, portanto essa condição em que a comunidade não se apropria dos espaços públicos pode favorecer e estimular a ocorrência de ações criminais. Estudos realizados nos Estados Unidos e na Europa comprovaram que não se consegue obter a segurança na cidade somente com a vigilância da polícia (CARDIA e BOTTIGELLI, 2011 p.1), desta forma, estimular a ocupação e o controle espontâneo dos cidadãos se apresenta como uma real possibilidade para serem aliadas às demais ações primárias de prevenção do crime nas cidades.

Destaca-se neste contexto o alto índice de violência urbana, indicado pelo Atlas da Criminalidade no Espírito Santo (ZANOTELLI et al, 2011), onde Vila Velha se sobressai dentre os municípios apresentando uma alta taxa de risco de homicídios e um alto índice de violência criminalizada, dados estes que acompanham um crescimento acelerado da taxa de urbanização do município.

Esta realidade motivou a escolha da área de estudo desta pesquisa indicada na figura 1, caracterizada como fragmento de resíduo urbano, localizada embaixo da estrutura da Ponte Deputado Darcy Castello Mendonça inaugurada em agosto de 1989, a ponte que possui 3,3 km de extensão e quatro pistas, também é conhecida como “Terceira Ponte” e está inserida no contexto da Praia da Costa, bairro nobre do município de Vila Velha.

Figura 1: mapa esquemático de localização da área de estudo embaixo da Terceira Ponte em Vila Velha.



Fonte: mapa elaborado pelo autor sobre base do Google Earth (2016)

Apesar de apresentar ocupações isoladas como a feira de alimentos biológicos nas manhãs de sábado, uma floricultura com chaveiro em outra extremidade e de ter eventualmente pequenos trechos de sua extensão apropriados por moradores em situação de rua, permanece na maior parte dos dias da semana “vazia” e “isolada”.

Esta configuração aliada ao aspecto de abandono expresso pelas pichações, lixos acumulados e depredações caracteriza uma sensação de insegurança que fragilizam a paisagem da cidade e inibem o uso do espaço pela comunidade local.

Outro aspecto que justificou a escolha desta área de estudo foi sua característica de ser também área limite (LYNCH, 2011) por ter o canal da costa e a ponte como divisor do tecido urbano da cidade, o que dificulta a integração com o bairro e reforça a fragmentação urbana decorrente da urbanização adotada. Ao se configurar como área limite, as laterais do Canal tornaram-se vulneráveis e se constituíram com elementos característicos da arquitetura do medo, isolando as edificações e negando a integração com a rua, condição que reforça a necessidade de se estudar e de se propor soluções mais adequadas para o convívio sadio em áreas limites ou residuais urbanas. Sendo assim, a área escolhida mereceu ser analisada e serviu de modelo de estudo para a metodologia proposta neste trabalho que visava estimular e promover a ocupação pelos cidadãos da área residual urbana

pouco utilizada e potencialmente favorável a ocorrências antissociais a partir de oficinas participativas de intervenções graduais que seriam promovidas ao longo de um ano.

Para tanto se buscou nos conceitos multidisciplinares inerentes as questões urbanas e socioambientais desta pesquisa, aqueles relacionados aos aspectos da prevenção vinculados ao ambiente favorável à incidência de crimes da Teoria Situacional ou da Oportunidade do Delito (CLARKE, 1997), no âmbito da Criminologia Ambiental. Teoria que atribui a ambientes degradados, isolados, escuros ou negligenciados a oportunidade ideal para aqueles que já possuem a tendência ao delito. Foi a partir desta premissa que se desenvolveu o experimento que deu origem à Teoria das Janelas Quebradas de Wilson e Kelling (1982) baseado no poder que sinais físicos de desordem têm em desencadear comportamentos antissociais. A partir da observação de um experimento idealizado pelo psicólogo Philip Zimbardo da Universidade de Stanford em 1969, perceberam que um carro abandonado em uma comunidade de classe média alta em Palo Alto, na California, U.S.A., se manteve intocável por uma semana, até quebrarem uma de suas janelas, quando o carro passou a ser saqueado e vandalizado.

O jornal *The Atlantic Monthly* em 1982 publicou pela primeira vez o que hoje ficou conhecido como a teoria das janelas quebras dos autores James Q. Wilson e George L. Kelling que descrevia uma análise do programa “*Safe and clean neighborhoods*” que tinha o objetivo de reduzir as taxas de criminalidade em Nova Jersey, nos Estados Unidos em meados dos anos 70. O programa tinha a proposta de policiamento a pé, mas que não apontou resultados significativos de redução das taxas de criminalidade no período analisado, então questionou-se se uma comunidade estaria segura mesmo quando as taxas de criminalidade não fossem reduzidas. Os autores Wilson e Kelling (1982) destacaram então um importante aspecto da análise da segurança pública: as pessoas se sentem inseguras de usar o espaço público mais pelo medo provocado pelo degrado físico e pela desordem social do que pelo medo do crime propriamente dito. Esses aspectos se tornam então o centro da teoria das janelas quebradas que diz: a partir de uma “janela quebrada”, pode-se desencadear uma sucessão de atos de vandalismo e desordem que podem levar a crimes muito mais violentos, ou seja, desordem e crime estão comumente associados. Portanto, ao promover a organização e a manutenção do lugar, junto à vigilância como prevenção a ocorrência de delitos menores, cria-se um ambiente favorável que pode evitar crimes mais graves (WILSON; KELLING, 1982).

No âmbito da violência urbana, faz-se necessário explorar estratégias que possam ser aliadas ao planejamento urbano para evitar a violência, portanto, destacam-se teorias como a de Jane Jacobs (2011) e Oscar Newman (1996) em que as cidades devem oferecer espaços urbanos com qualidade que traduzem vitalidade e segurança para que favoreçam a oportunidade de apropriação desejada pela população. Pode-se assim afirmar que os espaços públicos deveriam ser planejados com ambientes e usos atrativos a apropriação saudável da própria comunidade. Entretanto, o Ministério das Cidades através da Secretaria Nacional de Acessibilidade e Programas Urbanos (GIUSTINA, 2014) revela que o crescimento acelerado na maioria das cidades brasileiras gera espaços públicos pouco convidativos e inseguros, como os espaços residuais urbanos dos baixios de viadutos e pontes tal qual ocorre na área residual localizada abaixo da Terceira Ponte, do bairro Praia da Costa, em Vila Velha. É neste contexto que se revela uma das principais problemáticas atuais da expansão urbana de nossas cidades demandando por pesquisas sobre métodos e ações que contribuam para a ocupação sadia e segura desses fragmentos residuais do tecido urbano. A partir destas referências formalizou-se nesta sequência o seguinte problema de pesquisa: Em que medida os espaços residuais urbanos, como aquele localizado embaixo da terceira ponte, em Vila Velha, E.S., pode ter sua ocupação e apropriação qualificada a partir de estímulos externos de qualificação de seu espaço?

Com base nas teorias citadas, aliadas as teorias de Bauman (2009) que trata do medo e da insegurança que passam a controlar a vida urbana na cidade contemporânea e Caldeira (2000) que aborda os efeitos do medo da violência urbana na arquitetura e no espaço público, e tendo como foco deste estudo a área residual localizada debaixo da terceira ponte no bairro Praia da Costa em Vila Velha, foi possível conjecturar sobre as seguintes respostas que supostamente explicam a situação atual da área de estudos: a configuração do próprio espaço isolado e desprovido de infraestrutura adequada o torna vulnerável a apropriação informal e à ilegalidade; a transformação morfológica das edificações do entorno da área que se tornaram introspectivas reproduzindo características da arquitetura do medo, reforça o aspecto de abandono do local; a conseqüente sensação de insegurança que inibe as pessoas de utilizarem a área na maior parte do dia; e a própria ausência de um espaço humanizado que promova oportunidades para a socialização das pessoas. Para confirmar tais suposições, foi proposto como objetivo geral desta pesquisa analisar como o espaço residual localizada debaixo da terceira ponte no bairro Praia

da Costa em Vila Velha, E.S., pode ter sua ocupação e apropriação transformada a partir de estímulos externos de qualificação de seu espaço.

A partir deste objetivo e das premissas teóricas citadas foi definido como estratégia metodológica a abordagem participativa reversa a aquela que deu origem a Teoria da Janela Quebrada, onde desta vez, a intervenção seria focada na inserção de elementos que pudessem qualificar o lugar com o intuito de estimular alterações na forma atual de apropriação do mesmo. Este trabalho procura apresentar a metodologia adotada para esta pesquisa e os resultados advindos da referida abordagem, a partir da observação do autor e das respostas obtidas da comunidade local.

2. FRAGMENTOS URBANOS E A TEORIA DAS JANELAS QUEBRADAS

O contexto prático da metodologia de abordagem participativa adotada no presente trabalho fez uso da revisão da literatura que se discorre neste item com autores multidisciplinares, tais como o sociólogo Zygmunt Bauman, os criminalistas James Wilson e George Kelling, a jornalista e ativista Jane Jacobs, o urbanista Kevin Lynch, o Arquiteto Jan Gehl, a pesquisadora de antropologia urbana Teresa Pires do Rio Caldeira e a arquiteta Clara Cardia, entre outros autores que abordam temas relacionados à qualidade de vida e a segurança nas cidades. Embasamento necessário para compreensão da realidade imposta sobre a área de intervenção deste estudo.

Ao considerar que grandes áreas da cidade com usos únicos ou degradados geram zonas de fronteiras, Jacobs (2011) assinala que geralmente essas áreas criam bairros decadentes, se não o bairro, os lugares próximos aos limites dessas zonas de fronteira, e por analogia, pode-se associar esse fenômeno indicado pela autora com o caso do lugar de estudo proposto nesta pesquisa, pois essas zonas de fronteiras normalmente dividem o tecido urbano, geram barreiras para a apropriação da comunidade, e com o pouco uso, essas áreas tendem a estagnar-se em uma situação que precede a decadência (JACOBS, 2011). O ponto basilar da requalificação de um território de fronteiras fragmentadas, apontado pela autora, é a atratividade, portanto, os planejadores urbanos devem diagnosticar as condições capazes de criar a diversidade que está faltando para se obter um projeto adequado de requalificação, que combata a existência nociva das zonas de fronteira

desertas, que seja capaz de tecer relações contínuas de vizinhança, mantendo a segurança e garantindo a vigilância informal nos lugares públicos.

Bauman (2009), por sua vez, na obra *Confiança e Medo na Cidade*, reforça a teoria da Jacobs com uma abordagem que descreve a reação das pessoas as constantes transformações urbanas. Afirma que as características físicas desta nova paisagem urbana fragmentada, que se consolidou nos últimos anos, transmitem uma forte tendência ao medo e a obsessão maníaca por segurança, fatos que se refletem no dia-a-dia das cidades e de seus cidadãos. Como um dos resultados desses aspectos do se sentir inseguro nas cidades, Bauman (2009) indica a forma mais representativa, materializadas na configuração dos condomínios murados, importado do modelo americano e reproduzido em nossas cidades brasileiras como conjuntos residenciais que além dos muros altos que os circundam possui muitas vezes guardas armados, câmeras de vigilância e outros dispositivos de segurança que as isolam e “protegem”. Tais modalidades de habitação privatizam as áreas de lazer públicas essenciais para promoção do convívio entre as diferentes pessoas que habitam e transitam pela cidade e criam zonas contínuas de empenas cegas no limite das mesmas com o restante do tecido urbano.

No Brasil, Teresa Pires do Rio Caldeira analisou e identificou na cidade de São Paulo tais características introspectivas de consolidação do espaço edificado e chamou de enclaves fortificados as soluções espaciais dos condomínios fechados com muros que segregam a cidade. A autora alerta sobre este novo tipo de moradia fortificada da elite, por constituírem lugares isolados deixando a cidade sem atrativos para os quais pessoas caminhem ou passem. Esses condomínios estão transformando a paisagem urbana e consolidando o modelo de segregação na cidade (CALDEIRA, 2011). Outro fenômeno analisado pela mesma autora corresponde a “arquitetura do medo”, onde cercas, barras e muros se tornaram elementos de status e pertencentes desse novo código de expressão e de distinção, portanto a linguagem do isolamento e distanciamento sociais está se tornando cada vez mais explícita e difusa pela cidade (CALDEIRA, 2011, p. 294). Assim, como diz Caldeira (2011, p. 301), o uso dos espaços públicos se torna cada dia mais tenso, pois se tem como referência os estereótipos e medos das pessoas, fazendo da separação, discriminação, tensão e suspeição as novas marcas da vida pública.

Para Gehl (2014) ter uma cidade com vida é compreender o planejamento urbano considerando o comportamento humano, é buscar concretizar o sonho de melhores cidades para as pessoas. No planejamento urbano encontram-se

relacionados os conceitos de cidade viva e segura ao se buscar garantir a qualidade do espaço para se obter o bem-estar, conforto e segurança para criar lugares urbanos atraentes de serem ocupados. Os autores Gehl (2014) e Jacobs (2011) afirmam que uma cidade viva é aquela que incentiva a vida urbana diversificada com atividades diversas nos vários setores da economia, atividades sociais, de lazer e facilidade de circulação, tendo o ser humano como prioridade, portanto os conceitos de cidade viva estão ligados principalmente pela apropriação das pessoas dos espaços livres, da circulação e da ocupação urbana.

Autorreforço e autoalimentação são processos que Jan Gehl (2014) descreve como potencializadores da vida urbana, pois ocorrem quando os espaços já existentes ou projetados são potencializados através da implantação de atividades que levam em consideração a cultura local e se utilizam dos programas de atividades existentes e pela presença de pessoas como atrativos para o uso do espaço, mas para que isso aconteça, é necessário incentivar a comunidade a ter bons hábitos e rotinas diárias junto à espaços públicos de qualidade.

Esse processo de estimular a vida urbana envolve um ponto importante nas cidades atuais, que em muitos dos casos tem sido o motivo dos problemas urbanos, mas que quando bem trabalhado no planejamento pode ser enriquecedor para a cidade, que é o adensamento, ou o acúmulo de pessoas morando na mesma área. As ruas e os espaços públicos, geralmente, são os mais sacrificados pelo adensamento mal planejado e pelas novas conexões da malha urbana que retalham a cidade. Para evitar esses problemas Gehl (2014) destaca a necessidade de espaços de qualidade e convidativos ao uso, e estabelece o conceito de espaços de transição “onde a cidade e as edificações se encontram”.

Esses espaços de transição são locais ou zonas “onde as atividades realizadas dentro das edificações podem ser levadas [...] para o espaço comum da cidade”, podem ser considerados como os afastamentos das edificações, as calçadas e as praças lineares adjacentes a vias públicas. Locais onde as pessoas permanecem batendo papo, entram e saem das edificações, caminham, descansam, ficam a porta das edificações, fazem compras, se sentam, interagem, olham vitrines ou simplesmente permanecem em pé ou dão um tempo. É também o térreo das edificações, local do edifício que estabelece contato direto com a cidade e onde as pessoas estão mais próximas e atentas aos detalhes de ritmo, materiais, cores e acessos. Seguindo esse raciocínio nota-se que esse conceito está relacionado tanto à circulação quanto à segurança da cidade (GEHL, 2014).

Mais do que qualidade e atratividade são prerrogativas dos espaços da cidade assegurar condições de segurança para sua apropriação e uso. A insegurança tem sido um dos principais fatores que tem contribuído para a diminuição da vitalidade dos espaços públicos das cidades, que por sua vez impede o desenvolvimento de uma cidade viva ao se observar o ambiente das ruas e dos espaços urbanos cada vez mais vazios e abandonados pela população.

Nesse sentido, considerar a segurança pública no planejamento urbano é fundamental, pois “ser capaz de caminhar com segurança no espaço da cidade é um pré-requisito para criar cidades funcionais e convidativas para as pessoas. Real ou percebida, a segurança é crucial para a vida na cidade” (GHEL, p.97, 2014).

Quando se tem um espaço público com infraestrutura adequada, consegue-se ter um ambiente urbano mais cativante que realça o valor do próprio espaço, o que possivelmente reflete em uma boa manutenção e sensação de cuidado, transmitindo também uma sensação de segurança para as pessoas.

A partir dos conceitos apontados por Bauman (2009) sobre o medo nas cidades contemporâneas e Caldeira (2011) com a segregação das cidades que tem como um dos seus efeitos na arquitetura a utilização da moradia fortificada, o medo nas cidades brasileiras pode ser traduzido nesse estudo pelo termo “arquitetura do medo”, pois essa condição aplicada no contexto da criminalidade violenta contemporânea tem criado o sentimento de vulnerabilidade e insegurança nas cidades que reflete na arquitetura, como também aponta Lira (2014) na sua obra *Geografia do Crime e Arquitetura do Medo*. Portanto, incluir o estudo quanto à segurança pública no campo do urbanismo tem sido uma realidade recente, cujo objetivo é de buscar diretrizes e teorias que aplicadas ao planejamento urbano podem reforçar a vida na cidade e a sensação de segurança.

Para o planejamento dos espaços livres, faz-se importante considerar a teoria das janelas quebradas (WILSON; KELLING, 1982) e o método de análise da Prevenção do Crime através do Desenho Ambiental e Urbano, também conhecido pela sigla CPTED do original em inglês *Crime Prevention through Enviromental Design* (JEFFERY, 1971), que apesar de terem sua origem no século XX, os seus conceitos ainda continuam sendo aplicados, devido ao aumento da violência nas cidades.

A teoria das janelas quebradas aponta na direção dos conceitos de Jane Jacobs (2011), no que diz respeito à vitalidade dos espaços públicos criados a partir de ambientes humanizados pelo tipo de apropriação e uso recebidos. O mesmo

acontece com o método de análise CPTED que aponta a vigilância natural e a territorialidade como aspectos importantes para a segurança pública da cidade, já que as estratégias principais do CPTED são a vigilância natural favorecida pelo desenho e características físicas do local; o controle natural de acessos, isto é, ter boa visibilidade de um lugar para diminuir a oportunidade de se cometer um crime; a territorialidade que busca valorizar o sentimento de propriedade dos espaços sejam públicos ou privados; a manutenção ou recuperação dos espaços e por último, a participação comunitária.

Esses elementos são importantes, pois surgem da observação dos espaços públicos não como locais vazios e inóspitos ao homem, mas vistos como lugares que surgem como resultado da ação do homem para serem utilizados pelo próprio homem. Como consequência, deve-se entender a manutenção dos espaços públicos e das edificações como pontos importantes de serem alcançados para que se tenha uma cidade viva e dinâmica. A segurança não deve ser entendida apenas como dados, mas como a sensação de segurança é percebida pela população e quais são as consequências no uso e ocupação apropriados dos espaços da cidade.

No contexto de se ter atrativos para uma cidade mais dinâmica e viva, Gehl (2014) sugere que térreos ativos e atraentes favorecem à caminhada, atraem o olhar e diminuem o passo, pois criam espaços agradáveis que contribuem para a experiência de viver e de se apropriar dos espaços públicos das cidades. Na mesma linha de pensamento, Jacobs (2011) propõe que ruas, calçadas e os espaços públicos em geral seriam os elementos mais significativos, na maioria das vezes, de uma cidade e sendo assim, estão estreitamente ligados as questões de segurança pública. A mesma autora diz que as relações que acontecem nas calçadas e nas ruas entre os seus usuários e usos influenciam na percepção da sensação de segurança que o espaço público pode transmitir. Para garantir que o espaço público seja bem-sucedido, Jacobs (2011) sugere três aspectos que devem existir: claro entendimento dos limites entre espaço público e privado; a existência dos “olhos na rua” conseguidos pela existência de edificações que garantam a vigilância natural por estarem voltados para a rua; e por último, pessoas que frequentem as vias públicas, ruas e calçadas. Essa análise faz pensar a Gehl (2014) que sugere uma cidade agradável de se viver, a partir da qualidade dos atrativos criados entre as pessoas e os espaços públicos e privados, através do convívio harmonioso e entendimento dos limites entre eles, o que torna a relação

mais humanizada e estimulante, com incentivo ao uso, que também incentiva a segurança.

As formas urbanas que mais caracterizam as cidades, seriam segundo Amancio (2005, p. 17) cinco categorias: densidade urbana que é associada a locais com concentração de atividades diversificadas e alta população; qualidade dos espaços para pedestres que com calçadas apropriadas e seguras qualifica o ambiente estimulando a segurança e a vivência do espaço público na dimensão humana; diversidade de usos do solo que auxilia na vitalidade e dinamismo da cidade por aumentar as opções de rotas e usos pelas pessoas; desenho das vias pode facilitar a vida na cidade, pois pode permitir rotas pensadas para pedestres com consequente valorização do espaço urbano, e por último a disponibilidade de transporte coletivo que pela sua importância pode influenciar no projeto de bairros ou de setores das cidades, fato que o vincula diretamente com questões de sustentabilidade e equidade das cidades.

Esses conceitos estão encontrando ressonância prática em ações recentes em várias cidades no Brasil e no exterior com o objetivo de melhorar a qualidade dos ambientes urbanos das cidades em prol do bem-estar dos seus habitantes. Ações como melhoria e mudança na infraestrutura viária, redução de áreas de estacionamento, criação, reforma e transformação de espaços públicos tem sido mais visíveis e constantes. Existem também ações que visam melhorar especificamente a qualidade das ruas e das vias com o intuito de recuperar o espaço para o pedestre e aumentar físico e qualitativamente o espaço público na paisagem urbana das metrópoles contemporâneas, mas precisam interagir com o planejamento urbano para garantir a qualidade que se busca da forma urbana da cidade.

Portanto, é claro que os espaços públicos livres podem contribuir para a vitalidade e segurança da cidade, mas para que isso aconteça deve se ter a garantia da apropriação desses espaços pelas pessoas, pois segundo Lynch (2011) o resultado da ação em conjunto da relação entre a sociedade e os espaços é que pode garantir a qualidade espacial na cidade. Mas vitalidade e apropriação de um espaço não é necessariamente ter um quantitativo de pessoas usando o local, o importante é a capacidade que o local possui para atrair e manter os usos propostos cujo tempo gasto no local seja considerado de qualidade (GEHL, 2014). Sendo assim, estimular a criação dos espaços públicos no tecido urbano das cidades quer dizer vitalidade e segurança para o ambiente urbano.

Outro autor importante para a pesquisa é o Coronel PM Roberson Luiz Bondaruk (2007), que explora a prevenção do crime através do desenho urbano ao estudar conceitos da arquitetura contra o crime do método CPTED, cujo método se baseia no fato de que parte da violência urbana é motivada pelas características do ambiente físico da cidade onde ela ocorre, portanto, possível de ser inibida se forem aplicadas alterações físicas na arquitetura e no desenho urbano que visam desestimular ações antissociais (COLQUHOUN, 2004).

Nesse sentido, como parte do processo de análise, o autor cita Ian Colquhoun¹, e afirma que existem aspectos do crime a serem considerados para melhor compreensão da arquitetura contra o crime, tais como: a maior parte dos delinquentes não é especializada em um só tipo de crime; não há uma teoria singular que explique a natureza do crime; o crime é usualmente oportunista; existem, entretanto estudos que demonstram uma forte relação entre o crime, a carência social e econômica e o estado do ambiente local como oportunidades ideais para ocorrência de ações antissociais (BONDARUK, 2007, p. 55). O Autor cita ainda a Teoria Situacional do Delito que explica como um ambiente pode gerar a oportunidade para que um sujeito mau intencionado ao encontrar uma vítima em potencial cometa um crime. São lugares como aqueles citados por Bauman e Caldeira que resultam da cidade de muros, segregados, esquecidos, fragmentados como lugares sujos, malconservados e com lixos acumulados que afetam a saúde das comunidades.

Entre outros aspectos analisados por Bondaruk (2007, pp. 90-91), vale destacar o paisagismo urbano que pode ser favorável na inibição ou na criação de uma oportunidade para a ocorrência de um crime, como por exemplo, oferecendo um local de lazer verde para os moradores locais, reforçando a vigilância natural através de vegetação baixa e visualmente permeável; ou contra, ao reduzir a vigilância natural ao encobrir a visão das áreas livres. Uma reflexão importante feita pelo autor diz respeito à questão do combate ao crime através da eliminação da desordem, pois o autor chama a atenção para a teoria de Wilson e Kelling (1982), comentada anteriormente, que ficou conhecida como a “Teoria das Janelas Quebradas”, ao discutir a questão dos focos de desordem que são negligenciados e que se espalham, gerando ambientes propícios ao aparecimento de crimes mais graves (BONDARUK, 2007, p. 101). Com relação aos espaços livres de uso público,

¹ Ian Colquhoun é arquiteto britânico e autor do livro *Design Out Crime: Creating Safe and Sustainable Communities* publicado em 2004.

o autor afirma que a sua manutenção é fundamental para a prevenção do crime, assim se não forem ocupados e mantidos, estes espaços ficam vulneráveis a serem ocupados por delinquentes (BONDARUK, 2007, p. 203).

Os conceitos da arquitetura do medo e a relação entre a violência e o espaço urbano são também abordados por Lira (2014) que atribui o medo social a constante sensação de insegurança que está promovendo a existência de um novo padrão de desenho arquitetônico e modificando a paisagem da cidade com elementos típicos da arquitetura do medo. Diante deste cenário excludente e do medo, Rossana Mattos (2011, p. 29) explica que a exclusão e a segregação social estão relacionadas com as especificidades de cada ambiente sociopolítico envolvido. Para Mattos (2011), Vila Velha passou por um processo de desestruturação sócio espacial e ainda sofre com o aumento constante da população, pois a autora aponta Vila Velha como um dos principais polos de atração migratória devido a sua extensão territorial e proximidade da capital (MATTOS, 2011 p. 135). Estes imigrantes chegam sem moradia e sem rendimento, o que leva o aumento da expansão informal no território Canela Verde que apesar da situação política de município compreendido na Região Metropolitana de Vitória, carece de ações e políticas de habitação coerentes com a tendência identificada nos últimos censos. Tal realidade promove o surgimento das ocupações informais que entra em conflito com a cidade formal, evidenciando uma desigualdade sócio espacial que intensifica a cultura do medo local.

3. CONHECENDO O LOCAL DE ESTUDO

A realização de um diagnóstico da área, como forma de conhecer melhor a região de estudo, fez parte da metodologia para a realização das oficinas de intervenção urbana, que delimitou como área de estudo o trecho debaixo da Terceira Ponte entre às margens do Canal da Costa que constituem a Rua São Paulo, margens direita e esquerdas, limitadas no sentido norte-sul pela Rua Castelo Branco e Av. Champagnat com extensão até o limite da descida da ponte, sempre à direita da Av. Champagnat; enquanto que no sentido Leste-Oeste, os limites são a Av. Hugo Musso e Rua Dr. Jairo Matos Pereira, como indicado na figura 2.

Figura 2: delimitação do entorno e da área de estudo – mapa esquemático.

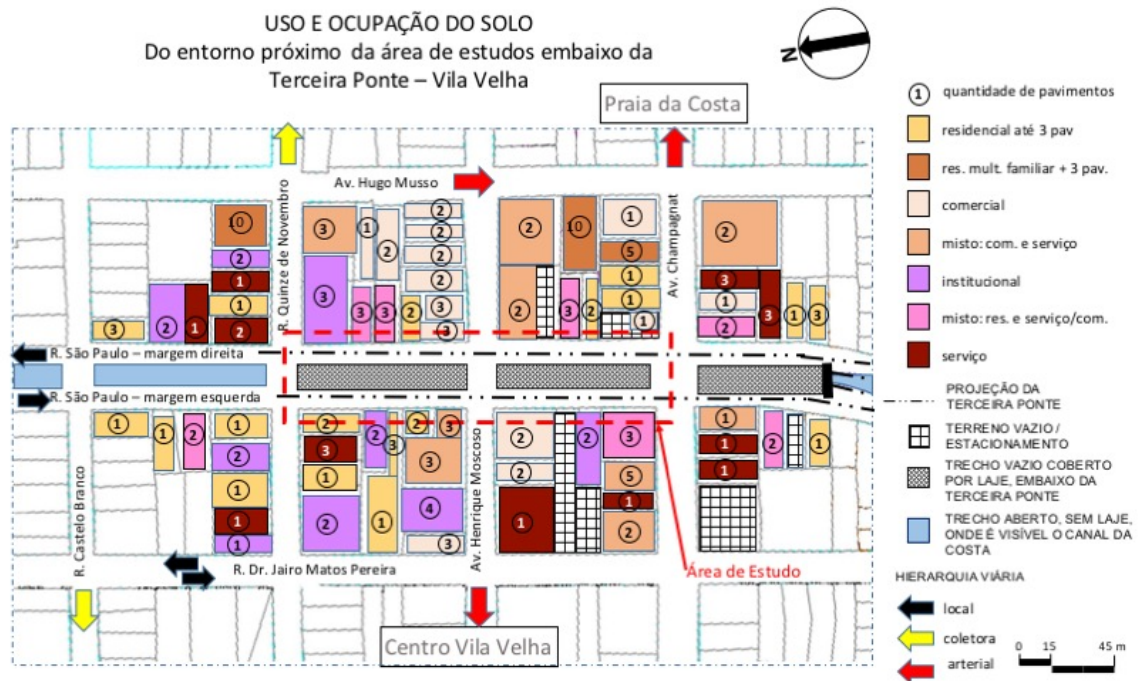


Fonte: mapa elaborado pelo autor sobre base disponibilizada pela PMVV (2015)

Ao observar a figura 2, percebe-se que somente determinados lotes e quadras foram escolhidas para fazerem parte da área de estudos, por compreenderem os únicos trechos em que existe uma cobertura do canal com altura apropriada para ocupação de pedestres em que ainda não foi transformado em via para circulação de veículos automotores, e ainda por possibilitarem as intervenções de humanização previstas como estratégia para intervenção proposta.

Feita a delimitação do entorno, foi-se em campo para coletar as informações quanto ao uso e ocupação do solo que resultou na síntese apresentada na figura 3. Percebe-se que o entorno apresenta uma concentração de usos mistos, abrangendo comércio, serviços, instituições e residências. Usos estes compatíveis com a vitalidade urbana sugerida nas teorias de Jacobs e Gehl e que suscitou inquietação por parte dos pesquisadores em relação a atual situação de abandono e evasão, contraditória às características de atratividade sugeridas pelo uso misto local. Nota-se ainda que nesta parcela da cidade o gabarito não é muito alto, tendo sido identificado somente dois edifícios residenciais multifamiliares com 10 pavimentos e um com 5 pavimentos voltados para a Av. Hugo Musso e para a Av. Champagnat respectivamente, a maioria absoluta das edificações é de até três pavimentos, isso devido também à legislação municipal vigente que limita a construção em altura devido a sua proximidade com a ponte.

Figura 3: Uso e Ocupação do Solo – mapa esquemático.



Fonte: mapa elaborado pelo autor sobre base disponibilizada pela PMVV (2015)

Outro aspecto identificado durante esta análise foi a presença de edificações que apresentam soluções características da arquitetura do medo (LIRA, 2014), com a presença de muros altos e sem aberturas para a rua e soluções de segurança com redes eletrificadas e arame farpado em torno do lote, além das janelas e portas com grades de proteção, como podemos verificar nas figuras 4 e 5, abaixo.

Figura 4: muros altos com cerca eletrificada e cacos de vidro, são manifestações da arquitetura do medo.



Fonte: acervo do autor (2015)

Figura 5: arame farpado e cerca elétrica são presentes nas residências e comércio no entorno.



Fonte: acervo do autor (2015)

O sistema viário do entorno contribui para o aspecto fragmentador do tecido urbano ao ser associado ao canal poluído que passa por debaixo deste trecho da ponte. Este sistema é constituído por vias arteriais: Av. Champagnat e Av. Henrique Moscoso, coletoras: Rua Quinze de Novembro e Rua Castelo Branco e locais: Rua Dr. Jairo Matos Pereira, segundo o PDM vigente do município de Vila Velha, sendo

que o trecho embaixo da Terceira Ponte da Rua São Paulo também foi considerado pelo diagnóstico como uma via local devido as suas características físicas e de tráfego reduzido. Estacionamento é gratuito e permitido em um dos lados de cada margem da Rua São Paulo, assim como em ambos os lados das ruas coletoras, o mesmo não acontece nas arteriais que só é permitido estacionar em um dos lados. A demanda por vagas de estacionamento é grande e é em parte suprida pelos estabelecimentos comerciais, mas ficam insuficientes durante os horários da feira de produtos biológicos no sábado das 07h às 12h, já que os feirantes também estacionam os veículos (principalmente caminhões e vans) na Rua São Paulo que margeia a área de estudos.

Ao observar o conjunto, percebe-se a tendência de aumento dos usos ligados ao comércio e serviços, pois existem residências com anúncios para serem alugadas para uso comercial e novas edificações com tipologia também comercial. Na área do diagnóstico realizado também existe um mini shopping center de três pavimentos na esquina da Av. Hugo Musso com a Rua Quinze de Novembro, um edifício comercial de cinco pavimentos na Av. Champagnat e um supermercado que apesar da entrada principal ser pela Av. Henrique Moscoso, possui uma lateral e a entrada de veículos principal pela Rua São Paulo (margem esquerda) bem em frente da área de estudo. A área de estudo possui quatro residências com frentes voltadas para a Rua São Paulo, a maioria dos usos são mistos, comerciais, serviços e institucionais.

O diagnóstico também registrou aspectos quanto à infraestrutura inadequada das calçadas não acessíveis, pontos viciados de lixo, iluminação não suficiente nos trechos cobertos do Canal da Costa e sob a estrutura da ponte. As lajes que cobrem o Canal da Costa no trecho de estudo apresentam uma resistência que comportaria no máximo 150 kg/m² e precisam de manutenção segundo laudo apresentado pela prefeitura, fator determinante para a definição das intervenções a serem propostas por esta pesquisa nas lajes existentes, que deveriam respeitar o limite estrutural apontado pelo referido laudo.

Outro aspecto apontado pelo diagnóstico foi o estado precário de abandono e depredação dos raros mobiliários urbanos existentes. Todos os bancos, mesas e floreiras encontravam-se quebrados e/ou com pichações, ou seja, sem manutenção adequada, como aponta a figura 6.

Durante as visitas foram identificados como forma de apropriação do local: o depósito de lixo colocado em locais não apropriados, o que favorecia a criação de locais viciados, confirmando a teoria das Janelas Quebradas como na figura 7, pois

a partir de uma dupla de sacos de lixo deixados junto a uma pilastra surgiam vários outros que se acumulavam ao longo de um dia; alguns skatistas que aproveitavam uma parte da área localizada junto a Av. Champagnat para simularem algumas manobras, sem contudo existir infraestrutura para tal esporte e o uso do espaço embaixo da ponte como moradia por algumas pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Figura 6: mobiliário urbano com pouca manutenção



Fonte: acervo do autor (2015)

Figura 7: lixo colocado em local indevido na calçada



Fonte: acervo do autor (2015)

Em relação a identificação dos usos e apropriações atuais da área, foram também observadas a presença de uma banca de venda de artesanato, no mesmo local e estrutura onde existia uma banca de jornal, e de um chaveiro, ambos localizados na extremidade sul da área de estudos. Usos que poderiam contribuir para qualificação do lugar se fossem reposicionados, pois situam-se de forma a contribuir com o isolamento da área ao se posicionarem de costas e bloqueando a visual a partir da Av. Champagnat (Figura 8).

Figura 8: chaveiro e banca embaixo da Terceira Ponte.



Fonte: acervo do autor (2015)

Entretanto, o uso e apropriação observados no sábado pela manhã foram significativos para identificação do trecho como área propícia a intervenção proposta, tendo em vista a presença todo sábado, da feira de produtos orgânicos já assimilada e esperada pelos moradores de Vila Velha. Uso este que passou também a atrair vendedores ambulantes e de alimentos, como o vendedor de pastel e caldo-de-cana, conforme demonstrado nas figuras 9 e 10 que seguem.

Figura 9: feira de produtos biológicos



Fonte: acervo do autor (2015)

Figura 10: vendedor de pastel e caldo-de-cana



Fonte: acervo do autor (2015)

A partir deste diagnóstico ficou evidente a possibilidade de se utilizar os pilares da ponte como suporte para a proposta de intervenção através da arte urbana, assim como ocorre em viadutos e pontes de cidades como São Paulo que possui o Museu Aberto de Arte Urbana de São Paulo² – MAAU – SP, um dos primeiros museus a céu aberto de grafites no mundo (figura 11).

Figura 11: exemplo arte urbana embaixo do viaduto do Museu Aberto de Arte Urbana de São Paulo.



Foto de Pedro Luiz (2012) fonte internet de domínio público.

Disponível em: < <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8f/MAAU-SP9.jpg> > Acesso em: março 2016.

² O MAAU-SP fica localizado na Zona Norte de São Paulo com entrada franca, pois é ao aberto por ser constituído pelas pilastras das estações do METRO no trecho elevado da linha 1 Azul, entre as estações Tietê, Santana e Carandiru. São 33 pilastras que hospedam grafites de artistas de arte urbana. Fonte: Disponível em: <<https://museuabertodearteurbana.wordpress.com/>> Acesso em: junho 2015. Página web do museu no site oficial de turismo da cidade de São Paulo disponível em: <<http://www.cidadedesao Paulo.com/sp/br/museus/4992-museu-aberto-de-arte-urbana-de-sao-paulo->> acesso em: março 2016.

Cabe citar aqui alguns exemplos nacionais e internacionais de intervenção urbana em espaços públicos embaixo de viadutos, como indicados nas figuras 12, 13, 14 e 15.

Figura 12: Academia do Garrido - embaixo do Viaduto Alcântara Machado, São Paulo.



Fonte: *Internet*

Disponível em:
<http://www.brasilpost.com.br/daniel-guth/28-locais-inusitados-na-cidade-de-sao-paulo_b_6223098.html> Acesso em: maio 2016.

Figura 13: Área sob Viaduto do Capanema - Curitiba/PR



Fonte: *Internet*

Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/area-sob-viaduto-do-capanema-e-passada-a-centro-de-cultura-afro-ejt8i9cn914nnyi2dpwjyh26m>> Acesso em: maio 2016.

Figura 14: Espaço público embaixo de viaduto usado para o convívio social, Ho Chi Minh, Vietnã.



Fonte: *Internet*

Disponível em:
<<http://www.hypeness.com.br/2013/05/que-tal-tomar-um-cafe-visitar-lojas-e-passear-debaixo-dos-viadutos-da-cidade/>> Acesso em: maio 2016.

Figura 15: Instalação em LED de Bill FitzGibbons que revitalizou passarela abandonada no Alabama, EUA.



Fonte: *Internet*

Disponível em: <<https://www.hometeka.com.br/pro/lightrails/>> Acesso em: maio 2016.

A figura 16, abaixo, ilustra uma síntese gráfica do diagnóstico através do mapa esquemático das potencialidades e vulnerabilidades do trecho estudado.

Figura 16: diagrama esquemático potencialidades / vulnerabilidades da área de estudo



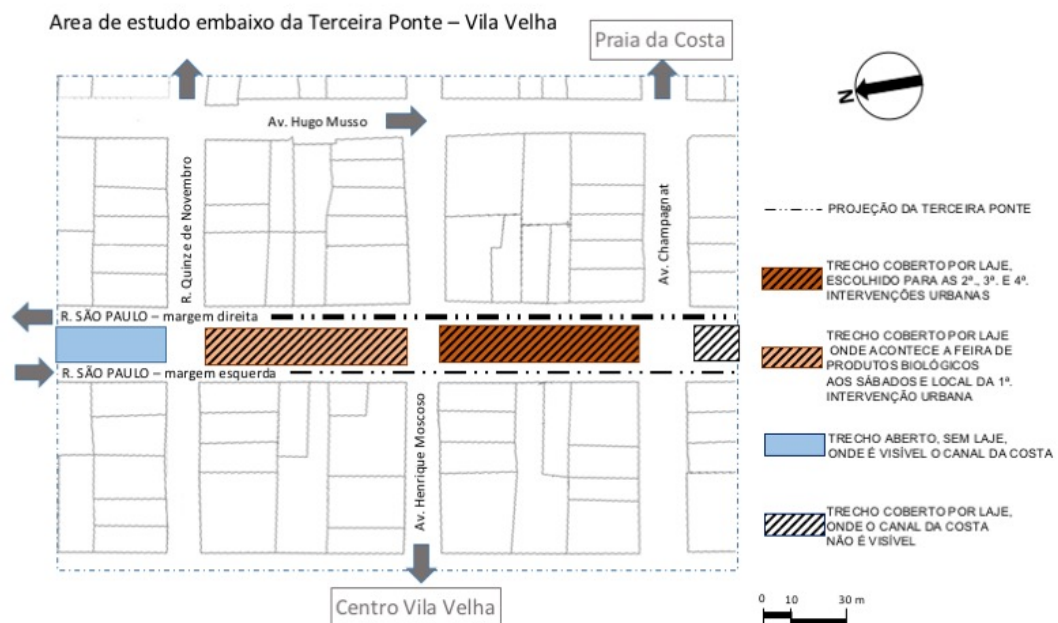
Fonte: diagrama elaborado pelo autor sobre base disponibilizada pela PMVV (2015)

4. OFICINAS DE HUMANIZAÇÃO COMO MÉTODO DE INTERVENÇÃO

Quanto à metodologia para alcançar os objetivos, optou-se por uma pesquisa de cunho exploratório, tendo a revisão da literatura como parâmetro norteador para a realização do diagnóstico baseado nos conceitos da análise do território e da paisagem de Kevin Lynch (2011), Jane Jacobs (2011) e dos conceitos teóricos e metodológicos da Prevenção do Crime Através do Desenho Urbano (CPTED) dos autores Clara Cardia, Carlo Bottigelli (2011) e Roberson Bondaruk (2007). Após as etapas da revisão da literatura e do diagnóstico realizado em campo, surge a etapa da pesquisa-ação, como método de aplicação prática dos conceitos apontados pela revisão da literatura que utilizam a estratégia de ação oposta ao experimento que deu origem a teoria das janelas quebradas, com uma abordagem direta na realização de oficinas que promovem alterações no espaço através da arte.

Portanto, como recurso metodológico da pesquisa-ação, optou-se pela proposta de intervenção urbana através de oficinas no espaço público escolhido, localizado nas lajes que cobrem o Canal da Costa na rua São Paulo e entre os trechos da Av. Champagnat, Av. Henrique Moscoso e a rua Quinze de Novembro (figura 17), pois essa modalidade de intervenção propicia uma ocupação dinâmica do local e oferece maior possibilidade de interação entre a comunidade e o espaço, pois se utiliza de aspectos artísticos e culturais, com o objetivo de observar os resultados da apropriação pelas pessoas e do possível estímulo à requalificação paisagística e urbana da área escolhida. As oficinas de intervenção urbana propostas se inspiraram também nos autores Jane Jacobs (2011) e Henri Lefèbvre (2008) que argumentam que se o uso dos espaços públicos no contexto urbano pelos cidadãos for adequado, com ruas livres da violência e do medo, a cidade também estará razoavelmente livre da violência e do medo, na medida em que ruas movimentadas e frequentadas podem fornecer uma segurança oportuna contra a violência e a criminalidade (LEFÈBVRE, 2008. p. 27).

Figura 17: mapa esquemático de localização da área escolhida para as intervenções urbanas embaixo da Terceira Ponte em Vila Velha.



Fonte: mapa elaborado pelo autor sobre base disponibilizada pela PMVV (2015)

O local se apresentava em um estado de degrado generalizado: com mesas e bancos de cimento sem manutenção, com os canteiros aos pés dos pilares sem vegetação, pichação nos pilares e no mobiliário urbano existente, falta de

limpeza com a presença de lixo ao longo da Rua São Paulo. Observava-se também a presença de alguns moradores em situação de rua, localizados principalmente entre o trecho da Av. Champagnat e Av. Henrique Moscoso. Dessa maneira, o local se apresentava em situação de abandono.

Dentro da estratégica metodológica aplicada, para a promoção do pertencimento e apropriação do local de estudo, fez-se necessário o envolvimento da comunidade e dos gestores locais que foram chamados para participar em reuniões de discussão e validação das etapas para cada oficina. Para a primeira oficina, optou-se somente pelo apoio da Associação dos Moradores da Praia da Costa – AMPC, pois seria o primeiro evento na área e com um cunho mais exploratório e de coleta de dados. A primeira reunião oficial ocorreu em junho de 2015 quando foram apresentados os resultados do diagnóstico, após a primeira intervenção urbana que tinha acontecido em março do mesmo ano, para os representantes da associação de moradores, representantes dos comerciantes e representantes do município de vila velha, com o intuito de sensibilizar os presentes para a necessidade apontada pelo diagnóstico de dar vitalidade e qualidade ao espaço público embaixo da Terceira Ponte.

Como resposta ao diagnóstico e aplicando os conceitos da pesquisa-ação, foi feita a proposta das oficinas de intervenção urbana, como ponto de partida para estimular o processo de aproximação e apropriação do espaço pela comunidade. A partir desse encontro em junho, houve uma evolução positiva tanto na qualidade quanto na frequência das reuniões, com a presença de representantes de condomínios residenciais, comerciantes, profissionais liberais, artistas urbanos e representantes das secretarias municipais envolvidas diretamente no processo de validação das oficinas. Em setembro e outubro de 2015 ocorreram duas reuniões importantes que consolidaram o aceite da proposta das intervenções urbanas no entorno dos pilares, com ações de arte e lazer na área de estudo, pelo poder público municipal. A partir de então, as oficinas ocorreram seguindo um calendário de conveniência e de comum acordo com todos os participantes envolvidos diretamente na organização e execução das intervenções urbanas. As três intervenções necessárias para pintar os três pares de pilares ocorreram sempre aos sábados em 14 de novembro e 12 de dezembro de 2015 e em 27 de fevereiro de 2016.

A estratégia da ação foi então articulada em quatro oficinas (figura 18), sendo que a primeira seria de aproximação da comunidade e como forma de coletar os anseios e impressões da comunidade sobre a área, para isso, optou-se por fazer

a oficina no local onde acontece a feira de produtos biológicos aos sábados, já que desta forma o público alvo, que seriam os moradores da região, estaria frequentando o local motivado pela feira. As outras três oficinas seguiram o ritmo natural da estrutura física do local que contava com lajes no piso que cobrem o Canal da Costa e três pares de pilares entre as Av. Henrique Moscoso e Av. Champagnat, ou seja, cada oficina aconteceu entorno de cada par de pilares. Além de proporcionar arte para o espaço público, as intervenções também trouxeram esporte e lazer para o local, pois observou-se a necessidade de se ter mais de uma ação que estimulasse a participação do público, cabe aqui notar que Morin (2008) afirma que uma ação em si é também um processo complexo e possível de imprevistos, portanto, considerou-se prudente que ocorressem mais de uma ação durante cada intervenção urbana.

Figura 18: mapa esquemático de localização e setorização das intervenção urbana embaixo da Terceira Ponte em Vila Velha.



Fonte: elaborado pelo autor sobre base do Google Earth (2016)

Como metodologia para análise e verificação dos resultados das oficinas de intervenção urbana, foi utilizado o método empírico de observação com fotos do local que retratam o antes e depois das intervenções e o estado atual da área de estudo. Optou-se também pela aplicação de um questionário com 15 perguntas (anexo 1), sendo 13 questões fechadas e 2 questões abertas, cujo método estatístico de amostragem utilizado foi o probabilístico aleatório considerando uma população finita, representado pela fórmula da figura 19.

Figura 19: fórmula para cálculo de população finita.

$$n = \frac{Z^2 \hat{p} \hat{q} \cdot N}{d^2 (N - 1) + Z^2 \hat{p} \hat{q}}$$

N = tamanho da amostra

Z – Valor obtido da distribuição normal para uma determinada confiabilidade (95% = z = 1,96)

\hat{p} = probabilidade de sucesso na distribuição binomial ($\hat{p} = 0,5$)

\hat{q} = probabilidade de fracasso na distribuição binomial ($\hat{q} = 0,5$)

N = tamanho da população (N= 352)

d = margem de erro admitida na pesquisa (13%)

n = 47 entrevistas

Fonte: consultoria estatística prof. Me Nilton Dessaune Filho³

A amostragem foi definida a partir da população adulta identificada no recorte escolhido do entorno da área de estudo no diagnóstico, indicado pela figura 3, que conta com 116 residentes, entre residências unifamiliar e multifamiliar; 51 pessoas no comércio; 40 pessoas uso misto comercio/serviços; 35 pessoas no uso misto residencial/serviços e 110 pessoas nos serviços, por um total de 352 pessoas o tamanho da população, portanto, a amostragem foi composta por 47 pessoas.

Portanto, ao se considerar uma população finita de 352 pessoas, admitindo uma margem de erro de 13%, para mais ou para menos, e uma confiabilidade de 95%, chegou-se a uma amostra de 47 entrevistas, cujos resultados gráficos das respostas são indicados no anexo 2.

Os resultados, incluindo o questionário, serão analisados e apresentados nos capítulos seguintes.

4.1. Análise dos resultados das quatro intervenções urbanas que ocorreram na área de estudo

Para melhor entendimento dos resultados das intervenções urbanas, optou-se por fazer a categorização destes, em três aspectos que procuram seguir as questões postas pelos autores apresentados no item anterior sobre a promoção da vitalidade na configuração de espaços livres de uso público: infraestrutura, usos e

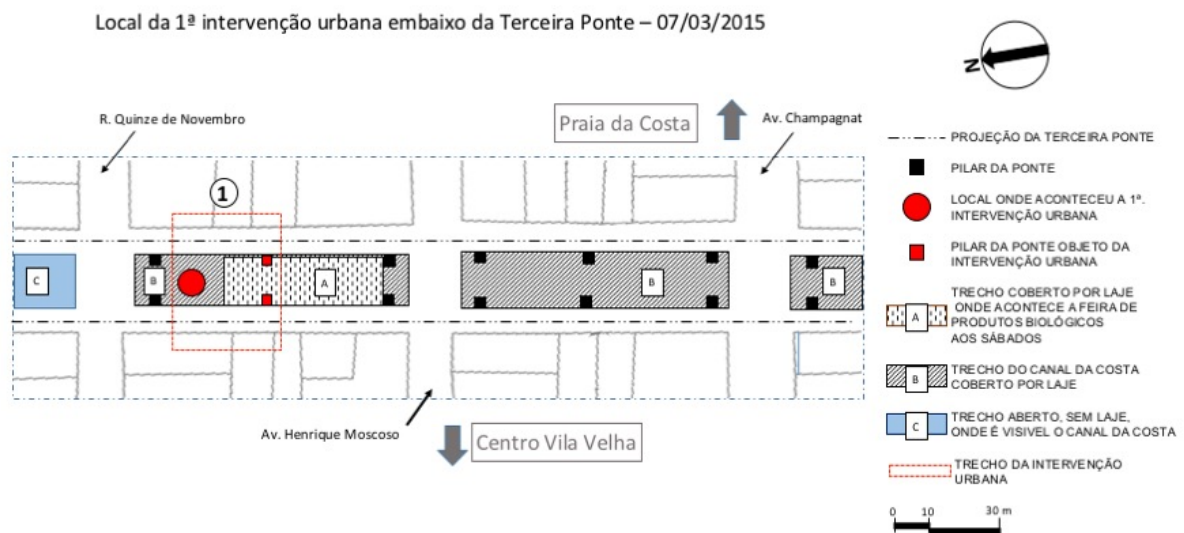
³ Prof. Nilton Dessaune Filho possui mestrado em Estatística e Métodos Quantitativos pela Universidade de Brasília (1983). Atualmente é professor da Universidade Vila Velha e Integrante da Comissão Municipal de Geografia e Estatística - CMGE da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Tem experiência na área de Probabilidade e Estatística, com ênfase em Estatística. Fonte: Currículo Lattes. Disponível em: < <http://lattes.cnpq.br/7577093005584565> > Acesso em: março 2016.

qualidade do espaço público, sintetizando as respostas do público classificadas a partir da primeira intervenção urbana, realizada durante a oficina na área de estudo.

O item infraestrutura da referida categorização dos resultados das oficinas avalia se a suposição de que intervenções seletivas de humanização promoveriam de fato melhorias no local com relação à limpeza, iluminação, paisagismo e manutenção do espaço público. Com o mesmo intuito, o segundo item indica quais usos passaram a ocorrer após as intervenções urbanas promovidas pelas oficinas idealizadas para esta pesquisa e por último, o item qualidade aponta a percepção qualitativa do local a partir da observação dos pesquisadores e autores desta proposta quanto ao mesmo ser um espaço de convivência e seguro.

Primeira intervenção urbana realizada no dia 07/03/2015

Figura 20: mapa esquemático de localização da primeira intervenção urbana embaixo da Terceira Ponte em Vila Velha.



Fonte: mapa elaborado pelo autor (2016)

A primeira intervenção urbana teve o propósito de despertar a comunidade local para a possibilidade de ocupação do espaço público, assim como serviu para identificar que a comunidade estava interessada em ocupar o espaço. A oficina de intervenção urbana, que durou das 09:00 às 12:00 no dia 07 de março de 2015, ocorreu em paralelo com a feira de produtos biológicos, que acontece no local todos os sábados, entre as Av. Henrique Moscoso e R. Quinze de Novembro identificado na figura 16, pedia as pessoas que deixassem as suas impressões sobre o espaço embaixo da Terceira Ponte através de imagens e/ou textos sobre

papel A4 coloridos da figura 17 e 18 que no final da oficina foram afixados em forma de mosaico nos pilares da ponte, concluindo a intervenção, como visto na figura 23 e figura 20, no trecho 1 da figura 20.

Figura 21: moradores participando da oficina.



Fonte: acervo do autor (2015)

Figura 22: morador participando da oficina.



Fonte: acervo do autor (2015)

Figura 23: mural com as expressões dos participantes da oficina.



Fonte: acervo do autor (2015)

Figura 24: vista do resultado da intervenção urbana – mosaico.



Fonte: acervo do autor (2015)

Durante a oficina, a aluna Sara Pavani do curso de jornalismo da Universidade Vila Velha produziu um vídeo sobre o tema da intervenção, que contou com a participação dos bolsistas do projeto de extensão João Carlos Furtado e Tolentino Lucas Neto do curso de arquitetura e urbanismo, em parceria com o Canal Futura e dentro do projeto Geração Futura – Universidades Parceiras com o título “Transformar uma área urbana marginal em um lugar acolhedor” que pode ser visto no link do concurso promovido pelo canal IBETV da *La Televisión Iberoamericana* - <http://www.ibe.tv/es/canal/geracaofutura/533/Transformar-uma-%C3%A1rea-urbana-marginal-em-um-lugar-acolhedor.htm>.

Ou pelo Facebook na página do laboratório multimídia do curso de jornalismo da UVV link:

< <https://www.facebook.com/misturemidia/posts/1736191916617130>>.

INFRAESTRUTURA do local:

O local continuou a ser limpo pela Prefeitura Municipal de Vila Velha - PMVV em ocasião da feira de produtos biológicos que ocorre na mesma área da intervenção urbana aos sábados, mas com os resultados apresentados pela oficina de expressão dos anseios da comunidade, a área recebeu melhorias na infraestrutura quanto à iluminação pública. Ocasão em que foram acrescentados pontos de luzes centrais (holofotes – figura 25) e spots, direcionados para os vãos embaixo da ponte, nos postes que margeiam a área adjacente a rua São Paulo que limita os trechos A e B da área de estudos.

Figura 25: holofotes embaixo da Terceira Ponte em Vila Velha.



Fonte: acervo do autor (2016)

Além das benfeitorias citadas, a partir da resposta da comunidade local foram promovidas outras melhorias com a demolição do conjunto de mesas e bancos de concreto que se encontravam depredados e nocivo as pessoas, já que estavam na sua maioria quebrados e demonstravam estar sem manutenção há bastante tempo, como verificado na figura 26. Estas ações da PMVV ocorreram

somente após a apresentação dos anseios da comunidade para aquela área, como um dos resultados da primeira intervenção urbana.

Figura 26: mesas e bancos de cimento degradados embaixo da Terceira Ponte.



Fonte: acervo do autor (2015)

Figura 27: área debaixo da Terceira Ponte após a retirada das mesas e bancos de cimento.



Fonte: acervo do autor (2015)

USOS sugeridos para o local:

O local desta primeira intervenção, conforme ilustrado no mapa da figura 3 situado próximo à Rua Castelo Branco, confirmou a sua potencialidade de ser um espaço público para convívio e troca, pois além da feira de produtos biológicos, o local e as pessoas acolheram a intervenção urbana proposta devido a sua vocação de praça e ponto de encontro e pela própria carência de áreas livres de uso público, cobertas, na região.

Ficou evidente no resultado desta primeira oficina, a demanda de usos possíveis para apropriação do local, conforme registrados no mosaico de propostas criado e descrito anteriormente e ilustrado nas figuras 23, 24 e 28, ou seja, apareceram os anseios da comunidade quanto a propostas de usos para o espaço debaixo da ponte.

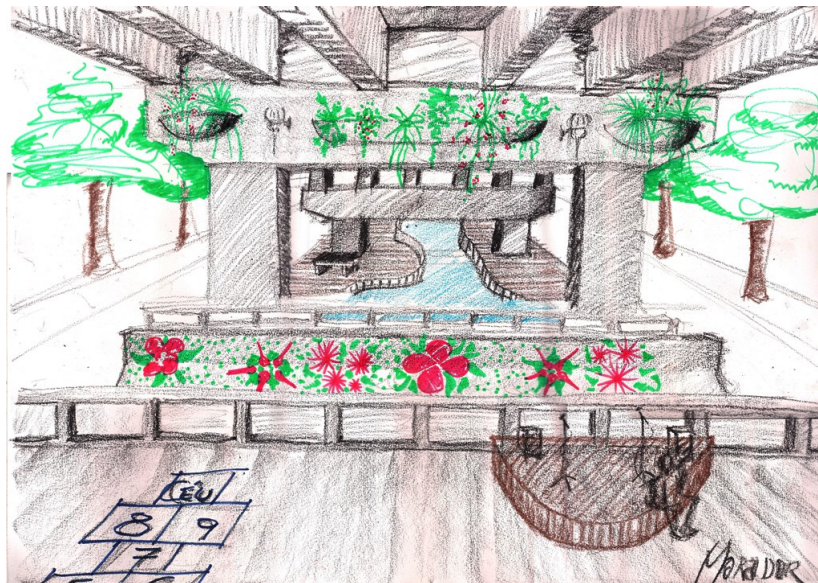
Figura 28: aquarela realizada pelo autor no final da intervenção urbana.



Fonte: acervo do autor (2015)

Vale destacar que os moradores e frequentadores da feira poderiam ter desconsiderado qualquer possibilidade de apropriação além da feira biológica já existente no local de estudo, mas ao contrário, propuseram diversos usos: espaço de arte; teatro; dança; música; rampas de skate; parquinho infantil; ponto de encontro e citaram também a sugestão de criação de um calendário de eventos neste trecho coberto do vão debaixo da Terceira Ponte. Ou seja, a primeira oficina revelou o concreto desejo da comunidade de se apropriar do local, como revela o desenho de um morador que sugere vários usos, como: uma área de jogos infantis, palco para musica, pintura mural (ou seja, grafite urbano), arborização e despoluição do Canal da Costa, criando um caminho contínuo no formato de um parque linear, como sugerido na figura 29.

Figura 29: proposta de um morador para área debaixo da Terceira Ponte realizada durante a primeira intervenção urbana - autor anônimo.



Fonte: acervo do autor (2015)

QUALIDADE do espaço público almejado:

A comunidade expressou nos desenhos e frases os anseios e gostaria que o espaço público analisado tivesse mais cor, luz, conforto, que fosse seguro e acolhedor, como indicado no quadro 1, pois na época desta primeira intervenção o espaço público apresentava a predominância de tons cinza e pardos, pouca iluminação noturna, lixos acumulados em determinados horários, pichações, aridez se apresentava também um local árido, desconforto pela ausência de mobiliários urbanos seguros para o uso nada confortável, pois o mobiliário existente (mesas e bancos de cimento) se encontrava em total estado de degrado e sem manutenção, como apresentado anteriormente no item infraestrutura. Esses fatores negativos

contribuíam para a sensação de local inseguro que era agravado pela presença de pessoas em situação de vulnerabilidade social por estarem na condição de moradores de rua embaixo da Terceira Ponte. Portanto, após a realização da primeira intervenção que apontou qual seria a qualidade daquele espaço esperada pela comunidade, algumas ações começaram a ser promovidas pela Prefeitura Municipal de Vila Velha – PMVV.

Quadro 1: anseios expressos pela comunidade para o trecho de estudos.

CATEGORIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO EMBAIXO DA TERCEIRA PONTE A PARTIR DOS ANSEIOS DOS MORADORES DO BAIRRO DA PRAIA DA COSTA		
INFRAESTRUTURA	USO	QUALIDADE
limpeza	arte	cor
bancos	teatro	luz
vegetação	dança	seguro
iluminação	música	conforto
manutenção	rampas skate	acolhedor
tratamento da água do Canal da Costa	parquinho infantil	
	ponto de encontro	
	calendário de eventos/feiras	

Segunda intervenção urbana realizada no dia 14/11/2015: Café-da-manhã de Confraternização

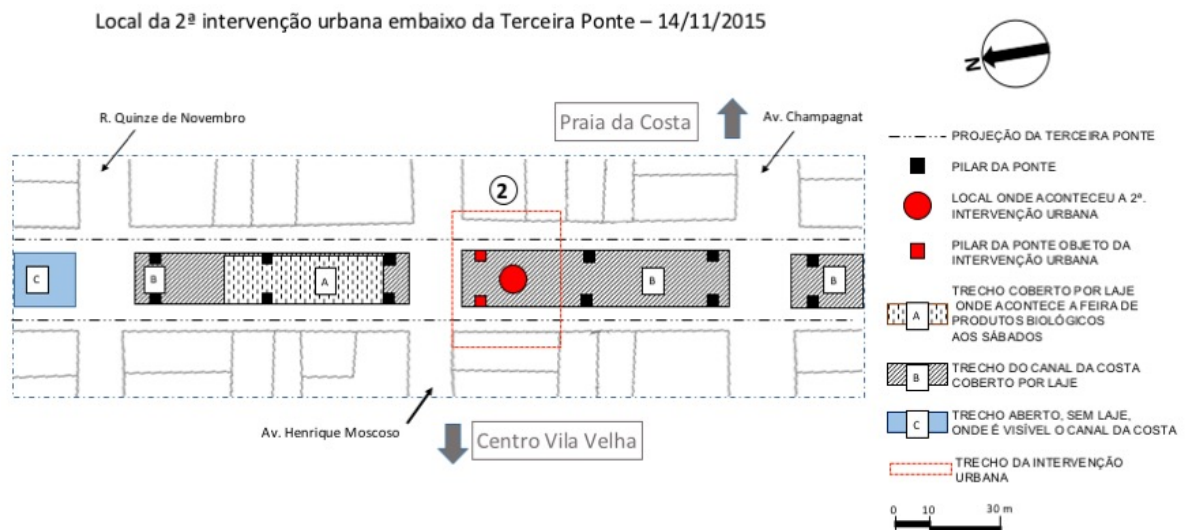
Figura 30: cartaz de divulgação da 2ª. Intervenção Urbana.



Fonte: acervo do autor (2015) - elaboração do autor com colaboração do aluno Tolentino Lucas, bolsista no projeto de extensão do curso de arquitetura e urbanismo da UVV.

A segunda intervenção urbana, com o título de Café-da-manhã de Confraternização, durou das 09:00 às 12:00 de sábado 14 de novembro de 2015, marcou o início de uma série de intervenções com a organização e participação da comunidade e de instituições parceiras, além de apresentar pela primeira vez uma identidade visual para o evento, como sugerida pelo cartaz de divulgação na figura 30. Também ocorreu em paralelo com a feira de produtos biológicos, que acontece na região todos os sábados, e foi definido o local da oficina o trecho embaixo da Terceira Ponte entre a Av. Champagnat e a Av. Henrique Moscoso, com a pintura dos dois pilares mais próximos da Av. Henrique Moscoso, ou seja, no trecho 2 da figura 31.

Figura 31: mapa esquemático de localização da segunda intervenção urbana embaixo da Terceira Ponte em Vila Velha.



Fonte: mapa elaborado pelo autor (2016)

Portanto, a segunda intervenção urbana buscou oferecer arte; música; atividade esportiva e ponto de encontro com o blitz da saúde no trecho de estudo debaixo da Terceira Ponte. A intervenção urbana foi iniciada com um convite para os residentes e frequentadores da feira de produtos biológicos para o café-da-manhã de agregação mostrado na figura 32, o que confirmou a vocação do espaço como local favorável ao convívio. Em seguida, foram iniciadas as atividades esportivas: aula de Yoga na figura 33 e de Circo na figura 34 que atraiu a atenção de crianças e adultos para participarem das atividades. Em paralelo ocorreu o Blitz da Saúde indicada na figura 35 com medição de pressão e glicose que atraiu um público variado, mas predominantemente de idosos. Por último foi iniciada a oficina de arte

com a pintura dos dois pilares voltados para a Av. Henrique Moscoso pela comunidade em geral, crianças e adultos, principalmente.

Figura 32: moradores participando do café-da-manhã de confraternização.



Fonte: acervo do autor (2015)

Figura 33: aula de Yoga.



Fonte: acervo do autor (2015)

Figura 34: aula de circo debaixo da 3ª.Ponte.



Fonte: acervo do autor (2015)

Figura 35: Blitz da Saúde e presença da guarda municipal.



Fonte: acervo do autor (2015)

INFRAESTRUTURA do local:

Como a PMVV já tinha suprido a demanda de melhorias na iluminação, limpeza e demolição dos conjuntos de mesas e bancos de concreto degradados do espaço público, após a primeira intervenção urbana, a melhoria percebida com a realização da segunda intervenção urbana compreendeu uma intervenção paisagística nos dois canteiros próximos aos pilares, que foram objetos da oficina de pintura durante a intervenção urbana, ao plantar dois tipos de forrações vegetais, enquanto que a concessionária da Terceira Ponte, a RODOSOL – concessionária responsável, limpou e preparou os dois pilares para receber a oficina de pintura nos

dois pilares mais próximos da rua Henrique Moscoso situada no trecho B da área de estudos.

USOS sugeridos para o local:

O espaço público debaixo da ponte confirmou nesta etapa mais um resultado esperado, o de ser um local capaz de acolher atividades voltadas para o lazer, saúde e esporte, típicos de uma praça. A ação de pintar os pilares promoveu mais uma vez o convívio social, sentimento de pertencimento e cidadania aos participantes, pois ao deixarem impressa a expressão da arte urbana nos pilares, os participantes se sentiram mais próximos e também responsáveis pelo bem-estar do espaço público, como apresentado nas figuras 36 e 37.

Figura 36: pintura de pilar pelos moradores.



Fonte: acervo do autor (2015)

Figura 37: pintura do pilar da 3ª.Ponte.



Fonte: acervo do autor (2015)

Nesse contexto, a segunda intervenção urbana propiciou parte dos usos que a própria comunidade havia sugerido para o local em ocasião da primeira intervenção, o que resultou em um indicador positivo da ação de ocupação do espaço público.

QUALIDADE do espaço público almejado:

Com a realização da oficina de pintura nos pilares, o ambiente tornou-se mais colorido e se destacou configurando-se em um lugar mais convidativo as crianças e até aos adultos. Como a PMVV contribuiu com as melhorias na infraestrutura do local com paisagismo, limpeza, segurança e iluminação, o espaço adquiriu um aspecto de limpeza e propriedade próprios da territorialidade citada na explicação sobre o CPTED. Também foi feita uma ação social com os moradores de

rua pela prefeitura na tentativa de diminuir o número de ocupação indevida do local e do degrado causado pela falta de higiene que esse tipo de situação comporta. Portanto a qualidade do local começou a reverter os fatores negativos descritos anteriormente na primeira intervenção urbana, com possível e gradual diminuição dos fatores que contribuíam para a sensação de insegurança, mesmo com a presença de moradores de rua no trecho da área de estudos. Circunstância que apontou mais um resultado positivo do projeto.

Terceira intervenção urbana realizada em 12/12/2015: Coral na Ponte com Oficina de Cartões de Natal

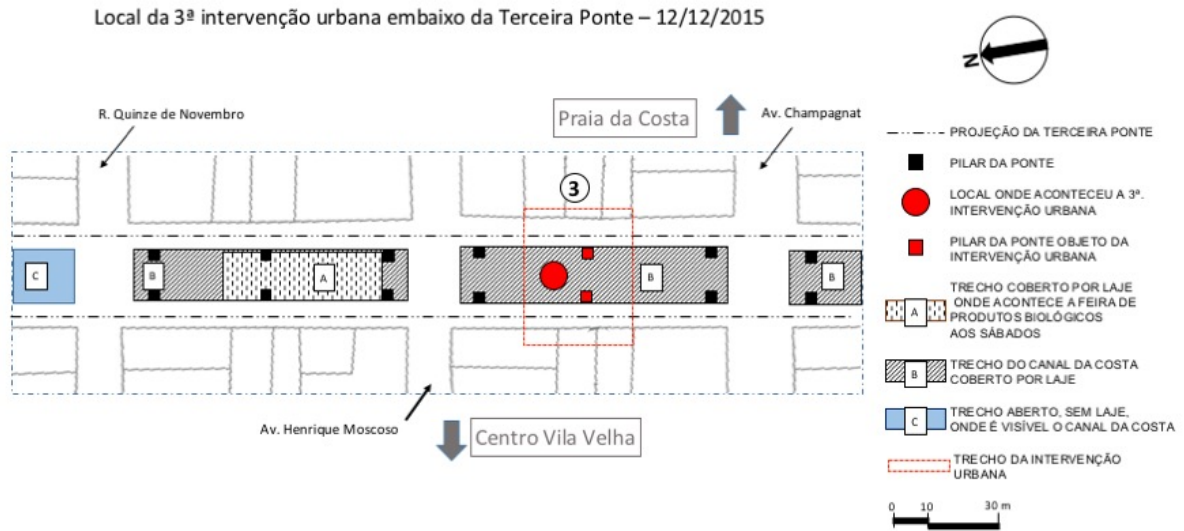
Figura 38: cartaz de divulgação da 3ª. Intervenção Urbana.



Fonte: acervo do autor (2015)

A terceira intervenção urbana, com o título de Coral na Ponte com Oficina de Cartões de Natal como indicado no cartaz da figura 38, durou das 09:00 às 12:00 e também ocorreu em paralelo com a feira de produtos biológicos que acontece no local todos os sábados, definiu o local das ações no trecho embaixo da Terceira Ponte entre a Av. Champagnat e a Av. Henrique Moscoso, com a pintura de mais dois pilares, desta vez os dois centrais do trecho 3 indicado na figura 39, mantendo a participação da comunidade local e dos frequentadores da feira.

Figura 39: mapa esquemático de localização da terceira intervenção urbana embaixo da Terceira Ponte em Vila Velha.



Fonte: mapa esquemático s/ escala elaborado pelo autor (2016)

Assim, a terceira intervenção urbana buscou oferecer arte e música, pois não ocorreram a atividade esportiva e a blitz da saúde como na intervenção anterior, portanto a intervenção urbana privilegiou as oficinas de arte de criação de cartão de natal e contou com a participação de um artista urbano, morador do bairro, que realizou um grafite urbano em uma face dos pilares com o tema em homenagem ao Convento da Penha indicado na figura 44. A novidade dessa ação foi a grande adesão das famílias com crianças na oficina de cartões de natal e constatou-se que se sentiram estimuladas pela possibilidade de realizar um cartão de natal personalizado, naquele momento, em um espaço público que se transformou em lugar de arte e de convívio familiar, como indicado nas imagens da figura 40 e 41.

Figura 40: oficina de criação de cartões de natal.



Fonte: acervo do autor (2015)

Figura 41: exemplo de cartão de natal realizado durante a oficina de cartão de natal.



Fonte: acervo do autor (2015)

INFRAESTRUTURA do local:

Para a realização da oficina, a PMVV supriu a demanda de limpeza e segurança do espaço público com a presença da guarda municipal, como apresentado nas figuras 42 e 43 respectivamente, mas devido a urgência no combate ao mosquito *Aedes Aegypti* transmissor de diversos vírus nocivos à saúde, como justificado em nota pela PMVV, não foi possível a continuação da melhoria paisagística nos canteiros próximos dos pilares centrais que foram objetos da terceira oficina de intervenção urbana. Mesmo com a infraestrutura sem ter tido a esperada atenção, o local continuou apresentando e preservando as melhorias adquiridas na segunda intervenção urbana, o que é positivo.

Figura 42: limpeza pública durante a terceira intervenção urbana.



Fonte: acervo do autor (2015)

Figura 43: presença da guarda municipal durante o evento de intervenção urbana.



Fonte: acervo do autor (2015)

USOS sugeridos para o local:

A oficina de cartões de natal atraiu o público infantojuvenil que junto aos pais fizeram do espaço público um espaço de convívio e de arte, resultando na transformação do mesmo em galeria de arte com a oficina de cartões de natal durante a terceira intervenção urbana embaixo da Terceira Ponte, como mostra a figura 45.

Figura 44: arte urbana: grafite em homenagem ao Convento da Penha, artista Claudio Tripa.



Fonte: acervo do autor (2015)

Figura 45: cartões de natal realizados durante a terceira intervenção urbana debaixo da Terceira Ponte, Vila Velha.



Fonte: acervo do autor (2015)

A confirmação do espaço público como local de confraternização e de ponto de encontro foi constatado pela adesão da comunidade ao participar da intervenção urbana e das suas ações: café-da-manhã com musica ambiente de Cantatas de Natal, da oficina de cartões de natal e da oficina de pintura dos dois pilares centrais do trecho escolhido debaixo da Terceira Ponte em Vila Velha, o que resultou em mais um ponto comprovado entre os objetivos da pesquisa.

QUALIDADE do espaço público almejado:

Com a continuação da oficina de arte e grafite nos pilares, acrescentou-se mais cor à área que passou a ter quatro pilares pintados pela comunidade, fato proporcionado pelo efeito de alegrar o local com arte e participação dos cidadãos. A limpeza, segurança e iluminação foram mantidos, portanto a qualidade do local também teve uma melhoria, com a ampliação da área que passava gradativamente por intervenções de melhorias a cada oficina realizada no local, obtendo como resultado a participação e apropriação de mais pessoas por se sentirem mais próximas do espaço e pertencentes ao local. Um fato muito positivo foi à adesão de um dos moradores de rua ao participar na oficina de pintura dos pilares, figura 46, o que demonstra a importância de ações de arte urbana para qualificar e criar condições de convivência saudável entre as diversidades sociais no espaço publico, como na figura 47.

Figura 46: morador de rua pintando o pilar e interagindo com a intervenção urbana.



Fonte: acervo do autor (2015)

Figura 47: morador participando e interagindo com o espaço e os participantes da terceira intervenção urbana.



Fonte: acervo do autor (2015)

A PMVV também teve presente fazendo uma ação social com os outros cidadãos em situação de vulnerabilidade que estavam presentes durante a intervenção urbana. Desta maneira, a qualidade do espaço público apresentou sensível melhora e foi capaz de acolher a diversidade de pessoas, usos e ações propostas durante a intervenção urbana, garantindo convívio harmonioso entre os participantes, com inclusão dos cidadãos em condição de moradores de rua, e auxiliando na melhora da sensação de insegurança na região.

Como resumo dos resultados obtidos nesta fase, pode-se considerar que a comunidade local, a PMVV, a RODOSOL e o 4º Batalhão da PM/ES tornaram-se mais sensíveis às propostas de intervenção no espaço público no formato de arte urbana classificada como grafite urbano; estão também mais sensíveis à reconhecer as diversidades sociais e de usos possíveis de coexistirem nos espaços públicos, com qualidade e segurança.

Quarta intervenção urbana realizada em 27/02/2016: Um dia de Verão embaixo da Ponte

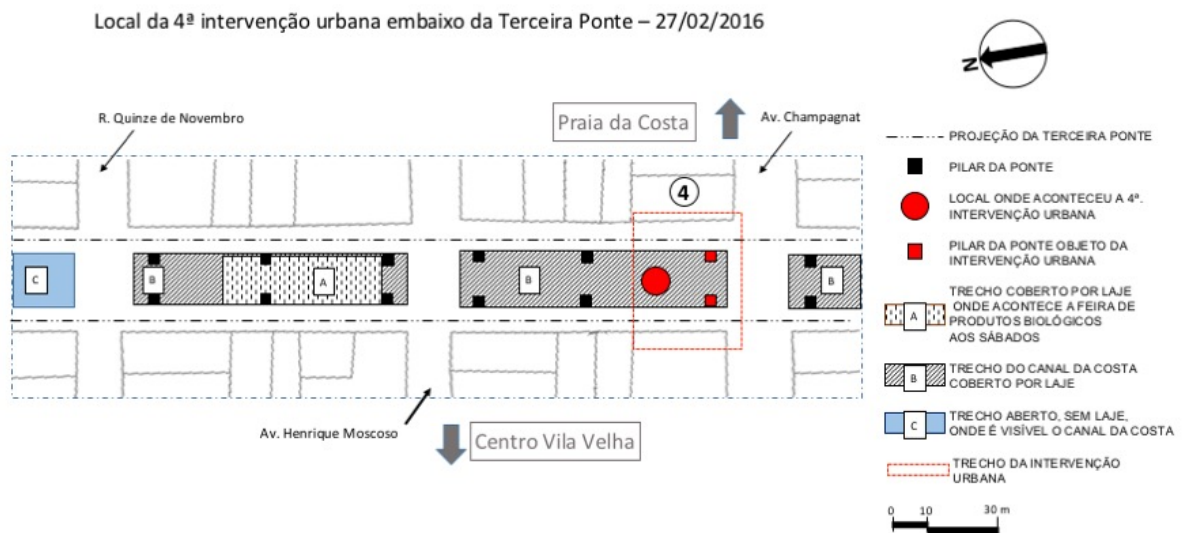
Figura 48: cartaz de divulgação da 4ª. Intervenção Urbana.



Fonte: acervo do autor (2016)

A quarta intervenção urbana, com o título: Um dia de Verão embaixo da Ponte, durou das 09:00 às 12:00 e, como nas intervenções anteriores, também ocorreu em paralelo com a feira de sábado de produtos biológicos. O local escolhido das ações no trecho embaixo da Terceira Ponte foi o mesmo das anteriores, entre a Av. Champagnat e a Av. Henrique Moscoso, com a pintura de mais dois pilares diferentes dos anteriores, mas desta vez os dois últimos, como indicado no trecho 4 da figura 49.

Figura 49: mapa esquemático de localização da primeira intervenção urbana embaixo da Terceira Ponte em Vila Velha.



Fonte: mapa elaborado pelo autor (2016)

Durante o café-da-manhã, criou-se uma atmosfera de bom-convívio entre participantes das oficinas que iriam ocorrer durante a intervenção urbana e cidadãos em situação de vulnerabilidade social que se encontravam no local e que foram auxiliados pela ação dos assistentes sociais presentes da Secretaria de Assistência Social da PMVV, como apresentado nas figuras 50 e 51.

Figura 50: café-da-manhã da 4ª. Intervenção urbana com participação de cidadãos em condição de fragilidade social.



Fonte: acervo do autor (2016)

Figura 51: café-da-manhã da 4ª. Intervenção urbana com participação dos agentes sociais da Secretaria de Assistência Social da PMVV.



Fonte: acervo do autor (2016)

INFRAESTRUTURA do local:

Desta vez, para a realização da oficina, a PMVV supriu a demanda de limpeza e de paisagismo nos canteiros localizados na área, além da pintura em vermelho das estruturas em metal dos corrimões, das rampas laterais e os espelhos dos degraus de acesso com tinta branca, garantindo uma melhor ambientação geral, como verificado nas fotos 52 e 53. As atuações de limpeza e melhoria em geral ocorreram nesse último trecho do espaço urbano objeto da intervenção que margeia a Av. Champagnat. No mesmo local, a RODOSOL colaborou com a limpeza e pintura dos dois pilares que ainda faltavam de ser pintados pela comunidade, sendo que em cada pilar foi preservada uma face interna que continham grafites urbanos realizados em um evento anterior de música jovem.

Figura 52: limpeza pública e plantio de vegetação nos canteiros para a quarta intervenção urbana.



Fonte: acervo do autor (2016)

Figura 53: pintura das rampas e corrimões no local da intervenção urbana pela PMVV.



Fonte: acervo do autor (2016)

USOS sugeridos para o local:

A quarta intervenção urbana trouxe para o local uma escola de karatê, pois os alunos do Instituto Kyokushin de Desenvolvimento Esportivo e Social dirigido ao cobrirem o piso com tapetes emborrachados transformaram o espaço público antes vazio em uma praça de esportes durante a apresentação da aula de karatê para a comunidade como demonstram as fotos 54 e 55, que contou com a presença também do prefeito do município de Vila Velha entre o público que prestigiou o evento da quarta intervenção urbana.

Figura 54: o espaço público transformado em praça de esportes durante a quarta intervenção urbana.



Fonte: acervo do autor (2016)

Figura 55: aula de Karatê embaixo da Terceira Ponte e parte do público que prestigiou o evento.



Fonte: acervo do autor (2016)

QUALIDADE do espaço público almejado:

A quarta intervenção urbana marcou o término da pintura dos pilares do trecho principal de estudo da pesquisa, sendo que esses dois últimos pilares estão localizados à margem da Av. Champagnat, portanto essa localização os faz de marco visual para a chegada do bairro e praia homônima para quem vem do centro de Vila Velha pela avenida, tanto de carro quanto a pé. Portanto, para reforçar o valor paisagístico e artístico da ação, optou-se por convidar um artista de grafite urbano, além da comunidade, para participar da oficina de pintura dos pilares, como testemunham as fotos 56 e 57.

Figura 56: artista realizando o grafite urbano em um dos pilares da Terceira Ponte



Fonte: acervo do autor (2016)

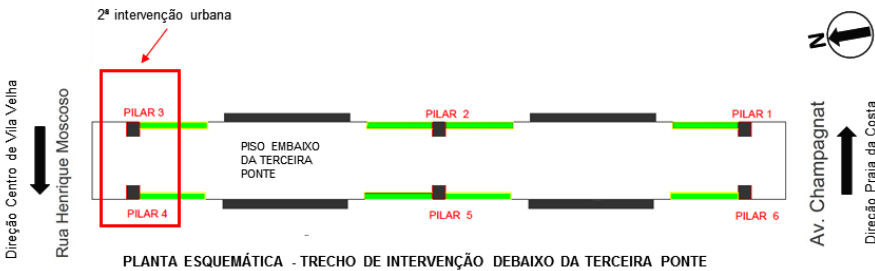



Figura 57: moradores pintando os pilares durante a quarta intervenção urbana.

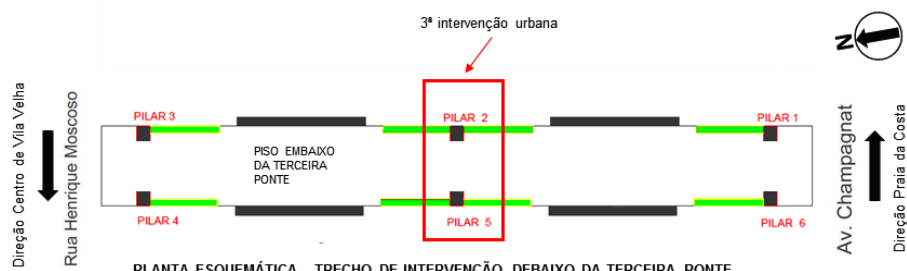





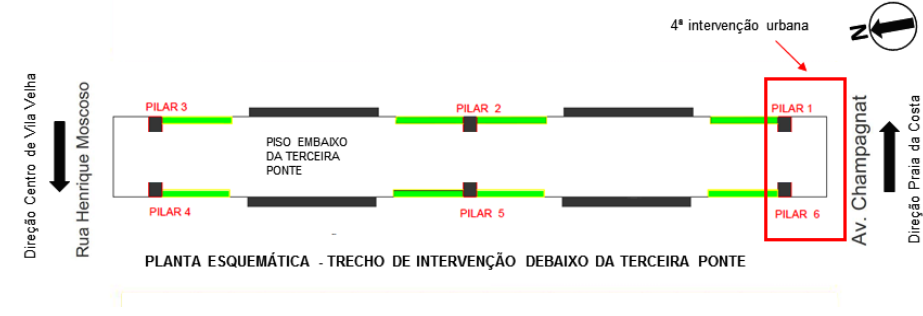
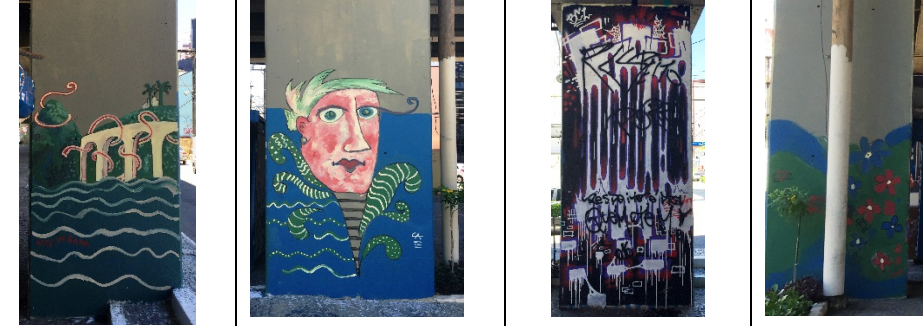


Fonte: acervo do autor (2016)

Quadro 2: resumo dos resultados das oficinas de pintura dos pilares durante as intervenções urbanas embaixo da Terceira Ponte.

PILARES PINTADOS DURANTE TRÊS INTERVENÇÕES URBANAS EMBAIXO DA TERCEIRA PONTE PERÍODO DE NOVEMBRO DE 2015 A FEVEREIRO DE 2016	
INTERVENÇÃO	LOCALIZAÇÃO
1a. Intervenção Urbana 07/03/2015	<p>NÃO OCORREU PINTURA DE PILARES</p> <p>Foi realizada no trecho entre as ruas Henrique Moscoso e Castelo Branco.</p>

INTERVENÇÃO	LOCALIZAÇÃO
<p>2a. Intervenção Urbana 14/11/2015</p>	 <p>2ª intervenção urbana</p> <p>Direção Centro de Vila Velha Rua Henrique Moscoso</p> <p>PISO EMBAXO DA TERCEIRA PONTE</p> <p>PILAR 3 PILAR 2 PILAR 1 PILAR 4 PILAR 5 PILAR 6</p> <p>Av. Champagnat Direção Praia da Costa</p> <p>PLANTA ESQUEMÁTICA - TRECHO DE INTERVENÇÃO DEBAIXO DA TERCEIRA PONTE</p>
<p>FOTOS pilar 3</p>	
<p>FOTOS pilar 4</p>	
<p>FOTOS conjunto pilares 3 e 4</p>	

INTERVENÇÃO	LOCALIZAÇÃO
<p>3a. Intervenção Urbana 12/12/2015</p>	<p style="text-align: center;">3ª intervenção urbana</p>  <p style="text-align: center;">PLANTA ESQUEMÁTICA - TRECHO DE INTERVENÇÃO DEBAIXO DA TERCEIRA PONTE</p>
<p>FOTOS pilar 2</p>	
<p>FOTOS pilar 5</p>	
<p>FOTOS conjunto pilares 2 e 5</p>	

INTERVENÇÃO	LOCALIZAÇÃO
<p>4a. Intervenção Urbana 27/02/2016</p>	 <p>4ª intervenção urbana</p> <p>Direção Centro de Vila Velha Rua Henrique Moscoso</p> <p>PILAR 3 PILAR 2 PILAR 1 PILAR 4 PILAR 5 PILAR 6</p> <p>PISO EMBaixo DA TERCEIRA PONTE</p> <p>PLANTA ESQUEMÁTICA - TRECHO DE INTERVENÇÃO DEBAIXO DA TERCEIRA PONTE</p> <p>Av. Champegnat Direção Praia da Costa</p>
<p>FOTOS pilar 1</p>	
<p>FOTOS pilar 6</p>	
<p>FOTOS conjunto pilares 1 e 6</p>	

5. CONCLUSÃO

Apesar da configuração inicial do espaço embaixo da Terceira Ponte inspirar o abandono e degrado, as oficinas propostas consolidaram e confirmaram a hipótese inicial de que a inserção de elementos de humanização em um espaço abandonado e negligenciado pode sim promover uma transformação que agrega valores de apropriação novos ao lugar. O que reforça a vontade latente da população de se apropriar dos espaços livres para uso público da cidade. Fato este comprovado pelas demandas dos moradores da região por espaços de convívio para festas religiosas, encontros da terceira idade e de jovens, atividades culturais e comerciais citados como resposta ao questionário aplicado após as intervenções (Anexo 2 pag. 62).

Para melhor averiguar os resultados, foram elaborados quadros comparativos e de síntese das intervenções urbanas realizadas, sendo que o quadro n. 3 mostra um resumo de cada intervenção e da categorização propostas quanto à infraestrutura, uso e qualidade do espaço. No quadro n. 2, tem-se o resumo específico de cada oficina de arte realizada nos pilares de estudo, e por último, o quadro n. 4 exemplifica o espaço sendo usado pela comunidade. A figura 58 e 59 fazem um comparativo entre o “antes e depois” das intervenções urbanas no espaço e as melhorias depois do tratamento paisagístico.

Quadro 3: resumo dos resultados das intervenções urbanas embaixo da Terceira Ponte.

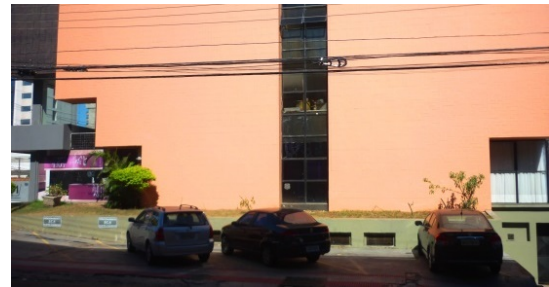
RESUMO DOS RESULTADOS DAS INTERVENÇÕES URBANAS NA TERCEIRA PONTE			
INTERVENÇÃO	INFRAESTRUTURA	USO	QUALIDADE
1a. Intervenção Urbana 07/03/2015	<ul style="list-style-type: none"> - iluminação: melhoria da iluminação pública com holofotes debaixo da ponte e nos postes que margeiam à área de estudos. - limpeza: demolição das mesas e bancos de concreto degradados e manutenção da limpeza no local 	<ul style="list-style-type: none"> - praça/convívio: ponto de encontro. 	<ul style="list-style-type: none"> - vazio: com a demolição das mesas e bancos, limpeza e iluminação, se destacou o quanto o espaço era “vazio”, o que contribuía para a sensação de insegurança, mas ao mesmo tempo mostrou a potencialidade de ser um espaço possível

			de ser utilizado pelas pessoas.
2a.Intervenção Urbana 14/11/2015	-paisagismo: plantio de forrações em dois canteiros. - limpeza: manutenção da limpeza no local.	- praça/convívio: área de lazer e de esporte. Ponto de encontro. - lugar de arte: local de expressão de arte urbana.	- acolhedor: o espaço acolheu os participantes da intervenção urbana. - cor: após a oficina de pintura dos pilares o espaço adquiriu uma nova atmosfera, mais alegre e convidativa.
3a.Intervenção Urbana 12/12/2015	- limpeza: manutenção da limpeza no local, não foram feitas novas melhorias na infraestrutura, mas também não houveram pioras.	- praça/convívio: Ponto de encontro. - lugar de arte: local de expressão de arte infantojuvenil e de arte urbana.	- acolhedor: o espaço acolheu os participantes da intervenção urbana. - cor: após a oficina de pintura dos pilares o espaço adquiriu uma nova atmosfera, mais alegre e convidativa.
4a.Intervenção Urbana 27/02/2016	- limpeza, pintura e paisagismo: manutenção da limpeza no local, foram feitas novas melhorias na infraestrutura, completando o plantio de vegetação em todos os canteiros da área de intervenção urbana e pintura dos corrimões, rampas e degraus de acesso ao espaço público debaixo da Terceira Ponte.	- praça/convívio: Ponto de encontro. - lugar de arte, esporte e lazer: local de expressão de arte urbana, encontro de jovens, apresentação de karatê.	- cativante: o espaço com as melhorias da sua infraestrutura, além de acolhedor, passou ter um aspecto mais agradável e cativante, tanto para os participantes da intervenção urbana quanto para os moradores, favorecendo na sensação de uma maior segurança no local. - cor: após a oficina de pintura dos pilares o espaço incrementou a atmosfera agradável convidativa do espaço colorido com arte.

Outro resultado positivo de grande importância constatado é que os dois pilares pintados, há mais de um mês, durante a primeira oficina de intervenção urbana, não foram “pichados” ou sofreram atos de vandalismo. O mesmo ocorreu nas edificações no entorno da área debaixo da Terceira Ponte, onde foram

realizadas as intervenções urbanas, que até a presente data não apresentaram novos casos de danos ao patrimônio público e privado decorrentes das “pichações”, que antes eram frequentes. Também se percebeu que através da parceria da comunidade civil e acadêmica com os gestores públicos e privados, as propostas de qualificação e revitalização dos espaços públicos podem ter resultados satisfatórios para todos. Portanto, os objetivos foram alcançados pelos resultados apresentados e pelo legado que a presente pesquisa e metodologia de pesquisa-ação deixa na comunidade local e para a cidade de Vila Velha, pela constatação da realização da terceira oficina de intervenção urbana, por vontade da própria comunidade, que se articulou e abraçou as propostas das ações de intervenção urbana sugeridas pela pesquisa. Essa constatação também comprova que a comunidade se sensibilizou e reconheceu a importância de se ter um espaço público seguro e revitalizado, no local que antes era considerado um “espaço vazio” e degradado e as vantagens de se conseguir transformá-lo em um local valorizado, com benefícios imediatos para os comerciantes e residentes da região, assim como para todo o município de Vila Velha.

Figura 58: Vista de edifício de uso misto (residencial/comercial) do entorno e do vão embaixo da Terceira Ponte antes e depois das intervenções urbanas.





Fonte: acervo do autor (2015/2016)

Figura 59: trechos com melhorias depois do tratamento paisagístico.



Fonte: acervo do autor (2016)

Quadro 4: exemplos de apropriação do espaço de estudo pela comunidade.



A constatação empírica dos resultados positivos alcançados através dos quadros 2, 3 e 4 apresentados é também verificada pelo resultado do questionário aplicado com questões fechadas e abertas, exemplificadas pelo anexo 1, cujo método estatístico de amostragem utilizado foi o probabilístico aleatório considerando uma população finita, como descrito anteriormente no capítulo 3.

O questionário foi respondido na sua maioria por mulheres (59,6%), por pessoas que passam pelo local por algum motivo específico, principalmente pelo

trabalho ou para fazer compras no comércio local, com um tempo máximo de permanência de 30 minutos, situação que poderia ser alterada para um tempo maior se o espaço passasse a abrigar as atividades sugeridas pela própria comunidade. Atividades estas que reforçam o discurso de público e privado de Jan Gehl para os térreos ativos, ou seja, a partir da expansão e integração das edificações do entorno, comerciais e de serviços com a área livre de uso público estudada.

Quanto à percepção do espaço, a área de estudos ainda é considerada insatisfatória pela maior parte dos entrevistados, apesar de terem percebido que o espaço está melhor cuidado, após as intervenções promovidas por este projeto, mas o mesmo não acontece com a percepção da iluminação, pois a sensação de insegurança ainda é presente, sugerindo a necessidade de dar continuidade com as intervenções no sentido de promover situações favoráveis a permanência no local que é ainda considerado pouco iluminado pela população, mesmo após a PMVV ter incrementado a iluminação do local de estudos, a partir do resultado da primeira intervenção, com luminárias tipo holofotes colocadas embaixo dos vãos da ponte e acrescentou holofotes menores fixados nos postes da Rua São Paulo entre as Av. Champagnat e Henrique Moscoso, apontados para o vão da área de estudos, mas ambos com fachos de luz direcionados e não difusos. Mas infelizmente os holofotes fixados nos postes nesse trecho da Rua São Paulo raramente estão acesos.

Outro aspecto que emerge a partir do questionário aplicado é a confirmação das pessoas entrevistadas, de que passariam a utilizar a área na condição que ela se encontra hoje, sempre que tiver atividades propostas para ela. Essa condição confirma que as intervenções urbanas iniciaram um possível processo virtuoso em relação ao uso e apropriação do espaço pelas pessoas. Como consequência, o uso mais sugerido foi o de feira de antiguidades, seguido pela academia popular, música e saraus respectivamente. Outra sugestão que se destacou foi a possibilidade do local abrigar oficinas de artesanato com o objetivo de dar capacitação e ocupação tanto a moradores do bairro quanto aos de situação de rua que possam se encontrar no local.

Muito positivo foi o resultado quanto ao entendimento pela comunidade do uso da arte do grafite urbano, pois foi unanime a aceitação que essa forma de arte pode ser de auxílio na prevenção da pichação, conforme também foi comprovado pelas fotos do local que antes sofria ataques de pichadores e que atualmente se encontra livre de vandalizações, após as intervenções de pintura dos pilares.

Da mesma maneira, ficou comprovado o que a fundamentação teórica desse trabalho já tinha descrito e que foi almejado como linha metodológica: que o espaço público melhor cuidado oferece maior sensação de segurança.

Por último, conseguiu-se confirmar que a área de estudos atualmente pode oferecer uma maior sensação de segurança, segundo a opinião da maioria dos entrevistados.

Atualmente a comunidade e o autor da pesquisa, como morador da região e pelo sucesso positivo dos resultados alcançados, decidiram dar continuidade ao processo e foi criado um grupo de voluntários com o nome de “Amigos da Ponte” que estão levando à frente os objetivos dessa pesquisa de mestrado.

Com o resultado favorável demonstrado pelas sugestões de ocupação do espaço, percebe-se que o tema de reabilitação do espaço público, através de atividades que estimulem a convivência e que auxiliam em ter a cidade mais segura, é uma realidade e é atual. Outro aspecto positivo desse trabalho é a continuação das ações que estão sendo levadas à frente pela própria comunidade que sensibilizaram as instituições públicas em busca da reabilitação dessa área da cidade para que efetivamente seja uma área de convivência e segura.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMANCIO, Marcelo Augusto. **Relacionamento entre forma urbana e as viagens a pé**. 2005. Disponível em: <http://www.btdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_arquivos/11/TDE-2006-06-26T06:53:46Z-1070/Publico/DissMAA.pdf>. Acesso em: 15/05/2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BONDARUK, Roberson Luiz. **A prevenção do crime através do desenho urbano**. Curitiba: Edição do autor, 2007.

BOTELHO, Adriano. **O urbano em fragmentos: a produção do espaço e da moradia pelas práticas do setor imobiliário**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2007.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo - SP: Editora 34 / Edusp, 2000.

CARDIA, Clara; BOTTIGELLI, Carlo. **Progettare la città sicura: pianificazione, disegno urbano, gestione degli spazi pubblici**. Milano: Hoepli, 2011.

CLARKE, Ronald V. **Situational crime prevention: successful case studies**. New York: Harrow and Heston, 1997. Disponível em <http://www.popcenter.org/library/reading/PDFs/scp2_intro.pdf>, acesso em 18/03/2015.

COLQUHOUN, Ian. **Design out crime: creating safe and sustainable communities**. New York: Architectural Press, Routledge, 2004.

CROWE, Timothy D. **Crime Prevention Through Environmental Design**. 2. ed. Boston: Butterworth – Heinman, 2000.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. 2. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2014.

GIUSTINA, Yuri Rafael Della. A Política Nacional de Desenvolvimento Urbano e a efetivação do Direito à Cidade. In: **Encontro Internacional sobre Direito à Cidade, São Paulo, 2014**. Disponível em: <<http://www.righttothecityplatform.org.br/publicacoes/>> Acesso em 12/06/15.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

JEFFERY, C. Ray. **Crime Prevention Through Environmental Design**. Beverly Hills, CA: Sage Publications, 1971.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2008.

LIRA, Pablo Silva. **Geografia do crime e arquitetura do medo: uma análise dialética da criminalidade violenta e das instâncias urbanas**. Vitória, ES: Gráfica e Editora GSA, 2014.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MATTOS, Rossana Ferreira da Silva. **Expansão urbana, segregação e violência: um estudo sobre a Região Metropolitana da Grande Vitória**. Vitória: EDUFES, 2011.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. Ed. Porto Alegre, RS: Sulina, 2011.

NEWMAN, Oscar. **Defensible Space: Crime Prevention Through Urban Design**. New York: Macmillan, 1972.

_____. **Creating Defensible Space**. Institute for Community Design Analysis. U.S. Department of Housing and Urban Development Office of Policy Development and Research, April 1996..Disponível em <<http://www.defensiblespace.com/book.htm>> acesso em 10/02/2015.

SANTANA, Elaine C. S. **A vitalidade e segurança dos espaços livres: um novo eixo paisagístico para Bento Ferreira**. 2015. 156 p. Trabalho de conclusão de curso (graduação em arquitetura e urbanismo) – Universidade Vila Velha, Vila Velha ES, 2015.

WILSON, James Q; KELLING, George L. **Broken Windows: The police and neighborhood safety**. In The Atlantic, mar 1982.

ZANOTELLI, Cláudio Luiz et al. **Atlas da criminalidade no Espírito Santo**. São Paulo, SP: Annablume / FAPES, 2011.

7. ANEXOS

7.1. Anexo 1 – Modelo do questionário aplicado

QUESTIONÁRIO ANÔNIMO A RESPEITO DO ESPAÇO EMBAIXO DA TERCEIRA PONTE NA PRAIA DA COSTA, NO TRECHO ENTRE A AV. CHAMPAGNAT E A R. HENRIQUE MOSCOSO,
O questionário é parte da pesquisa de mestrado profissional em segurança pública da Univ. Vila Velha UVV
Autor da pesquisa: prof. Esp. Clovis Aquino F. Cunha sob orientação da profa. Dra. Ana Paula Rabello Lyra
O tempo para responder será breve, são 15 perguntas, e agradecemos desde já a sua participação!

1. GÊNERO:			
MASCULINO	<input type="checkbox"/>	FEMININO	<input type="checkbox"/>

2. VOCÊ FREQUENTA A ÁREA SITUADA ABAIXO DA TERCEIRA PONTE NO TRECHO COMPREENDIDO ENTRE A AV. CHAMPAGNAT E A HENRIQUE MOSCOSO ?			
diariamente durante o dia e a noite	<input type="checkbox"/>	diariamente somente durante o dia	<input type="checkbox"/>
às vezes	<input type="checkbox"/>	nunca	<input type="checkbox"/>

3. POR QUÊ? EM RELAÇÃO A PERGUNTA ANTERIOR, EXPLIQUE O MOTIVO DE SUA RESPOSTA:			

4. SE VOCÊ RESPONDEU QUE FREQUENTA DIARIAMENTE OU ÀS VEZES, INDICAR O TEMPO MÉDIO DE PERMANÊNCIA NO LOCAL:							
até 30 minutos	<input type="checkbox"/>	entre 1 (uma) e 2 (duas horas)	<input type="checkbox"/>	mais de três horas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
entre 30 min e 1 (uma) hora	<input type="checkbox"/>	entre 2 (duas) e 3(três horas)	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

5. QUAL O SEU GRAU DE SATISFAÇÃO EM RELAÇÃO A ESTA ÁREA:							
satisfeito	<input type="checkbox"/>	insatisfeito	<input type="checkbox"/>	indiferente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
muito satisfeito	<input type="checkbox"/>	muito insatisfeito	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

6. VOCÊ PERCEBEU MUDANÇA NO ESPAÇO PÚBLICO DO TRECHO INDICADO?			
SIM	<input type="checkbox"/>	NÃO	<input type="checkbox"/>

7. VOCÊ CONCORDA QUE O ESPAÇO ESTÁ MELHOR CUIDADO?			
SIM	<input type="checkbox"/>	NÃO	<input type="checkbox"/>

8. VOCÊ CONCORDA QUE O ESPAÇO ESTÁ MAIS ILUMINADO À NOITE?			
SIM	<input type="checkbox"/>	NÃO	<input type="checkbox"/>

9. VOCÊ USARIA ESSE ESPAÇO NA CONDIÇÃO EM QUE ELE SE ENCONTRA HOJE?			
SIM	<input type="checkbox"/>	NÃO	<input type="checkbox"/>

10. EM CASO AFIRMATIVO (DE USAR O ESPAÇO EM COMO ELE SE ENCONTRA HOJE), QUAL(IS) ATIVIDADE(S) VOCÊ GOSTARIA DE TER NESSE ESPAÇO DA LISTA ABAIXO? (pode ser marcada mais de uma opção)							
ACADEMIA POPULAR	A	PLAYGROUND INFANTIL	B	MÚSICA AO VIVO (SARAU, CONCERTO, ETC.)	C	FEIRA DE ADOÇÃO DE ANIMAIS	D
FEIRA DE ARTESANATO	E	SKATE	F	USO COMO PRAÇA C/ MESAS DOS BARES LOCAIS	G	FEIRA DE LIVROS E OBJETOS USADOS	H

11. SUGESTÃO DE ATIVIDADE PARA O ESPAÇO PÚBLICO, NO TRECHO INDICADO EMBAIXO DA TERCEIRA PONTE: (em poucas palavras)

--

12. EM CASO NEGATIVO (DE USAR O ESPAÇO COMO ELE SE ENCONTRA HOJE), QUAL(IS) MELHORIA(S) VOCÊ GOSTARIA DE TER DA LISTA ABAIXO PARA PODER USAR O ESPAÇO? (pode ser marcada mais de uma opção)

COR	I	LIMPEZA	J	BANCOS E MESAS FIXAS	K	QUIOSQUE DE POLÍCIA	L
ILUMINAÇÃO	M	ÁRVORES	N	ARTE/GRAFITE URBANO	O	QUIOSQUE DE ALIMENTOS	P

13. VOCÊ CONCORDA NO USO DA ARTE/GRAFITE URBANO COMO AUXÍLIO PARA PREVENIR A PICHAGEM?

SIM	<input type="checkbox"/>	NÃO	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

14. VOCÊ CONCORDA QUE O ESPAÇO PÚBLICO MELHOR CUIDADO OFERECE MAIOR SENSAÇÃO DE SEGURANÇA?

SIM	<input type="checkbox"/>	NÃO	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

15. VOCÊ CONCORDA QUE O ESPAÇO PÚBLICO NO TRECHO INDICADO ATUALMENTE PODE OFERECER UMA MAIOR SENSAÇÃO DE SEGURANÇA ?

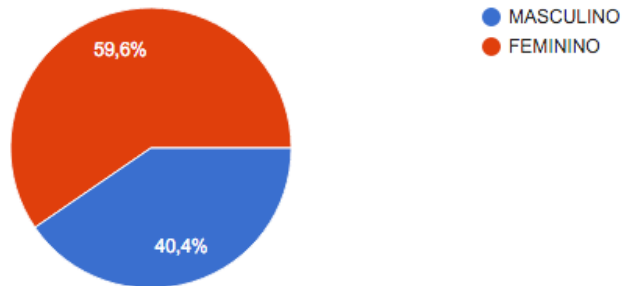
SIM	<input type="checkbox"/>	NÃO	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

Obrigado!

7.2. Anexo 2 – Gráficos dos resultados dos questionários respondidos

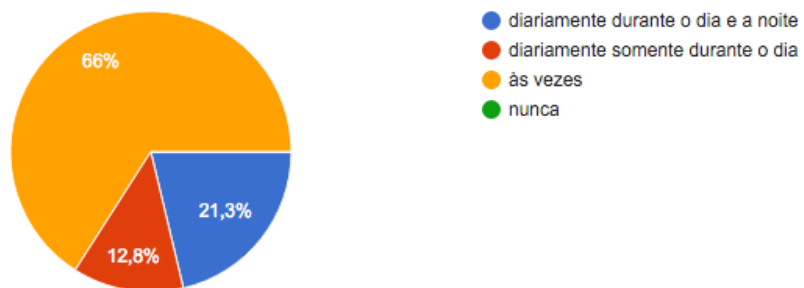
Fonte gráficos google docs adaptado pelo autor.

Gênero: (47 respostas)



Você frequenta a área situada abaixo da terceira ponte no trecho compreendido entre a Av. Champagnat e a Henrique Moscoso ?

(47 respostas)



Por quê? Em relação a pergunta anterior, explique o motivo de sua resposta:

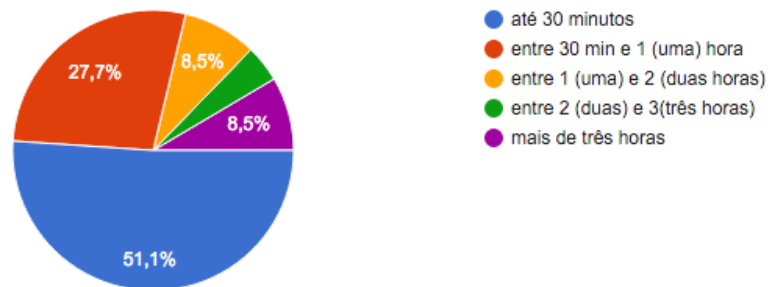
(47 respostas)

trabalho próximo do local
trabalho próximo do local
moro próximo do local
moro próximo do local
trabalho na região
trabalho na região
Nos finais de semana e quando tem eventos agendados no local
Considero um pouco inseguro, presença de mal cheiro e distância considerável da minha residência.
passeio em bicicleta.
frequento somente aos sábados quando tem a feira
trabalho
somente passo pelo local sem intenção de parar
passo para ir à feira no sábado
quando vou fazer compras na região
falta de segurança, tento passar o menos possível pelo local
vou no local quando vou comprar coisas
ao fazer compras, caminho pelo local
quando vou pra igreja
evito o local por achar inseguro
no sábado quando tem a feirinha
quando vou à feira
quando preciso comprar algo passo por lá
nem sempre, pois sinto falta de segurança
só quando serve fazer compras.
quando tem feira
pela feira de sábado
trabalho próximo
só quando tenho motivo, quando vou fazer compras ou visitar amigos
quando vou fazer compras no supermercado
quando vou para o trabalho

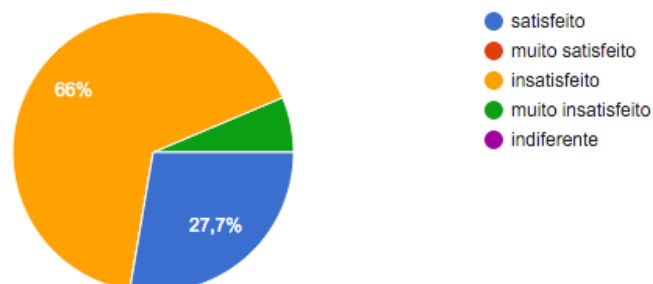
pelo trabalho
moro na região
no final de semana quando vou fazer a feira
pelo trabalho em frente do local
quando vou na feira de sábado
moro no bairro
quando vou ao comércio
só quando preciso passar pelo local
prefiro evitar por considerar o lugar perigoso
morador vizinho da área
morador do bairro, só passo no local quando preciso ou para ir para casa
quando vou fazer a feira
moradora do bairro
só quando preciso: ao ir para casa ou para fazer compras
por necessidade, para fazer compras
quando vou fazer compras
pelo trabalho, passo pelo local todo dia

Se você respondeu que frequenta diariamente ou às vezes, indicar o tempo médio de permanência no local:

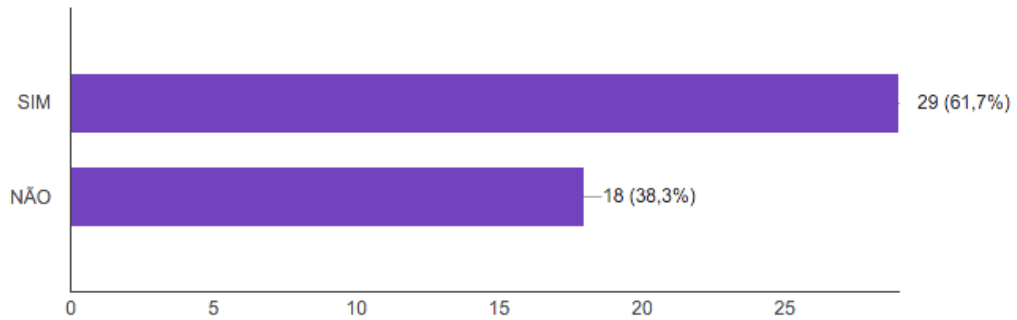
(47 respostas)



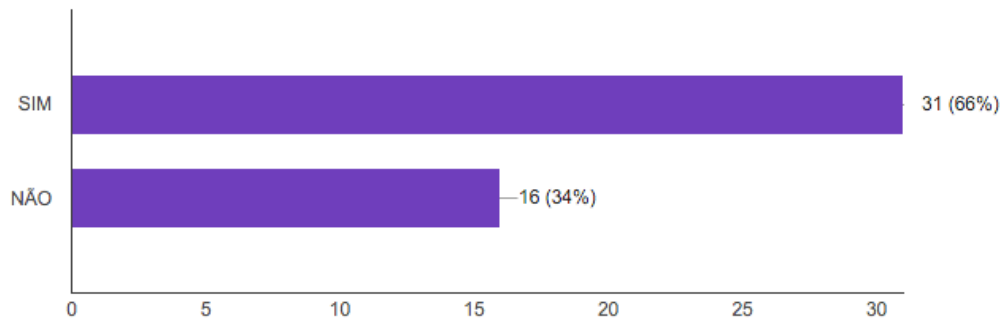
Qual o seu grau de satisfação em relação a esta área: (47 respostas)



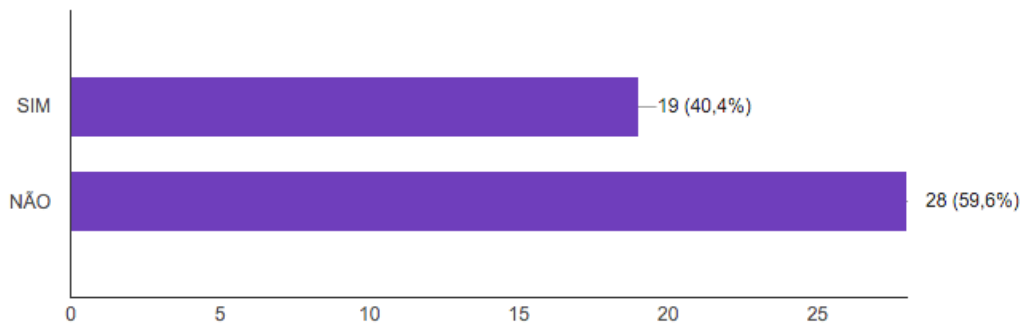
VOCÊ CONCORDA QUE O ESPAÇO ESTÁ MELHOR CUIDADO? (47 respostas)



VOCÊ PERCEBEU MUDANÇA NO ESPAÇO PÚBLICO DO TRECHO INDICADO? (47 respostas)

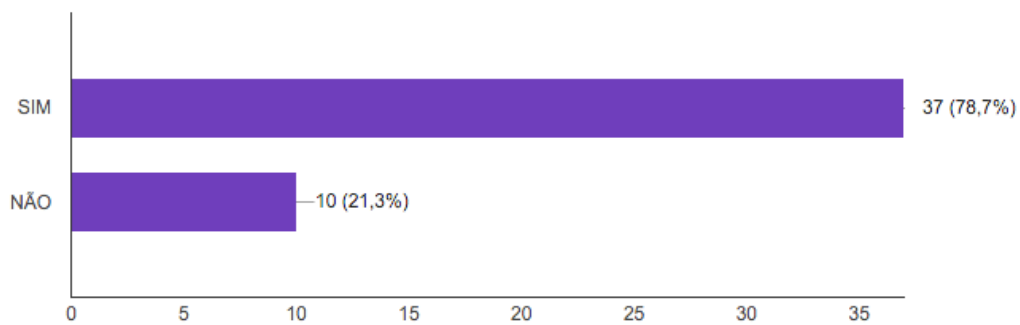


VOCÊ CONCORDA QUE O ESPAÇO ESTÁ MAIS ILUMINADO À NOITE? (47 respostas)

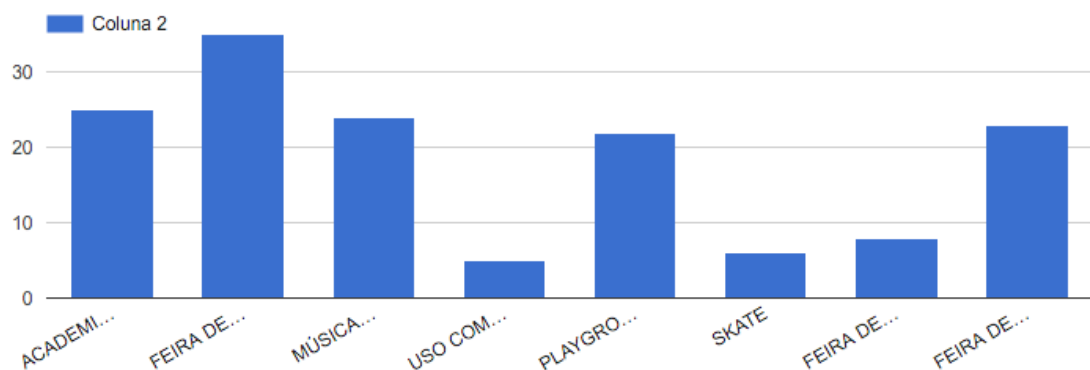


VOCÊ USARIA ESSE ESPAÇO NA CONDIÇÃO EM QUE ELE SE ENCONTRA HOJE?

(47 respostas)



EM CASO AFIRMATIVO (DE USAR O ESPAÇO COMO ELE SE ENCONTRA HOJE), QUAL(IS) ATIVIDADE(S) VOCÊ GOSTARIA DE TER NESSE ESPAÇO DA LISTA ABAIXO? (pode ser marcada mais de uma opção)



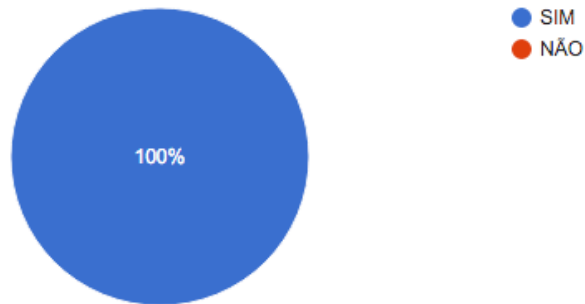
SUGESTÃO DE ATIVIDADE PARA O ESPAÇO PÚBLICO, NO TRECHO INDICADO EMBAIXO DA TERCEIRA PONTE (em poucas palavras e é opcional a resposta)

(10 respostas)

CINEMA AO AR LIVRE
Comércio de bijouterias, brinquedos, roupas acessórios, eletrônicos
Bicicletário e estacionamento para motos
Atividade ocupacional para os moradores de rua
Feira de Arte
Sugestão de fechar as vias laterais, pelo menos em parte do trecho, para que as atividades desenvolvidas debaixo da ponte fiquem mais seguras em relação ao carro. Por exemplo, atividades com crianças e idosos
área para dança cigana
espaço para oficinas de artesanato ou trabalhos manuais
trabalhos manuais com a comunidade
oficinas de artesanato

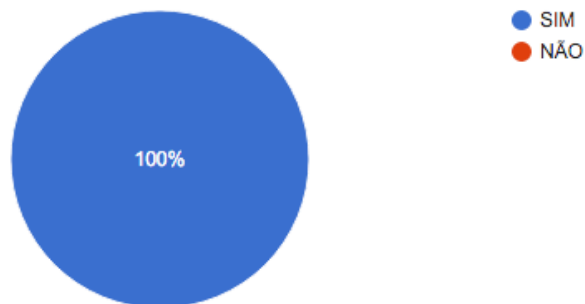
VOCÊ CONCORDA NO USO DA ARTE: GRAFITE URBANO COMO AUXILIO PARA PREVENIR A PICHANÇA?

(47 respostas)



VOCÊ CONCORDA QUE O ESPAÇO PÚBLICO MELHOR CUIDADO OFERECE MAIOR SENSÇÃO DE SEGURANÇA?

(47 respostas)



VOCÊ CONCORDA QUE O ESPAÇO PÚBLICO NO TRECHO INDICADO ATUALMENTE PODE OFERECER UMA MAIOR SENSÇÃO DE SEGURANÇA ?

(47 respostas)

